

Hermes-Fontes

Despertar!

CANTO

BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos
EDICTOR
82, Rua S. José, 82
1922

Typographia Baptista de Souza—Rua da Misericórdia, 51

À

Sergipe,

terra de meu berço

e

berço de meu Pae

e em cuja entranha dorme somno eterno
minha Mãe, que lá teve berço e tumulo.

Ào meu amigo
Arthur Índio do Brasil

Despertar !

Egide

*Castro Alves ! meio seculo de vida
é, para vivos, homens de experiencia,
o término da estrada luminosa
que abre ao planalto da Serenidade :*

*E é ,para os Mortos, a miraculosa
certeza da ascensão indefinida
— a perfeita consciencia
da eternidade, na immortalidade.*

*Poeta do genio anonymo do Povo !
Entre Resurreições, ou Miseréres,
és, bem-amado, — o amante sempre novo
das novas gerações e das mulheres.*

*Poeta da Mocidade e do Heroismo !
Cantor das Harmonias retumbantes !
Cavaste um thorax fundo em cada abysmo
e plantaste os pulmões de cem gigantes.*

*E afinaste ao clamor da tempestade,
com o rythmo de febre dos ciclônes,
teu ideal de grandeza e infinidade,
tua sêde de amor e liberdade,
Orpheu-Vulcano, Prometheu-Adonis !*

*Poeta da musa de cabellos louros
e herculeos braços musculosos : — Musa
em cujo coração de pobre ardem thesouros,
sob a modesta, proletaria blusa,
clamide heroica dos herões vindouros !*

*Musa de Pan e Vesta — Alma da Natureza !
Canto de insurreição e de piedade !
— Harmonia serena da Belleza
e serena belleza da Verdade.*

*Cantor da nova gloria ! E's sempre o genio amigo,
semeando amor, entre clarins de guerra :
parece-me seguir-te, quando sigo
o auriverde pendão de Nossa Terra !*

*Onde haja corações adolescentes,
ahi terás teu ninho e teu celeiro :
E, em teus sonhos de cutr'ora, omnipresentes,
florindo em alegria e abrindo em pasmos,
o surto nacional do Sonho brasileiro
fez provisão dos seus primeiros enthusiasmos...*

*Pois, em teu meio-seculo de vida
(vida gloriosa de immortalidade),
a alma do Brasil moço, adolescida
ao teu canto, hoje aos pés se te consterna :*

— *Que és o Nume da eterna mocidade
neste paiz da primavera eterna,
onde os jequitibás affirmativos
e o Sol, desperto de outros sóes, insomnes,
falam do livre Poeta dos Captivos,
falam do Orpheu-Vulcano, desse Adonis
illuminado e forte, a cujas mãos
Hercules faz vibrar a clava rude,
Apollo tange o magico aluúde
e os homens, inspirados na virtude,
despertam, abraçados como irmãos.*

Julho, 1921

Despertar, reviver

Despertar de alto sonho é desfazê-lo :
E rolar, dessa altura deslumbrante
à realidade fria, é semelhante
a prolongar o sonho em pesadello.

Por mais alto que um sonho nos levante,
não raro, é necessario interrompê-lo,
mas, subtilmente, com o materno zelo
de uma irmã, de unha noiva, ou de um amante :

Que o sonho é aquelle espirito emigrante
que desce ao nosso, em mysterio appello.
E a maneira melhor de merecê-lo
é reincarnal-o, realizal-o, ovante !

Despertar, libertar-se !... Num instante,
cortar o fio á teia, destecê-lo,
e, desembaraçado do enovello,
vestir uma armadura de gigante !

Abrir o coração ao Sol-Levante,
tomal-o por seu unico modelo,
pelejar e soffrer, viver, confiante
— viver o sonho, para merecê-lo.

Nem ha sonho melhor, nem pôde havê-lo
melhor que a realidade circundante,
si ha nessa realidade a ansia e o desvêlo
de a viver por um sonho culminante.

Despertar, e sonhar desperto, diante
da Vida — sonho vivo ! — e saber vê-lo
do extase da Esperança — esse mirante
tão alto que é impossível transcendê-lo...

Despertar para a gloria. Eia, Gigante !
O Oceano mal te roça ao tornozello,
o Céu quasi que desce ao teu cabelo
desmanchado, leonino, flabellante...

Despertar de alto sonho é revivê-lo,
conscientemente, dignamente. Avante !
Abre a tua alma para o Sol-Levante !
Vive o teu Sonho, para merecê-lo !

O Gigante que dorme ...

O Gigante-que-dorme, ainda dorme.

Sob a mascara de ouro do Zenith,
o Sol candente chlorophormizou-o.

Dorme ainda o Gigante. E, enquanto dorme
e a delicia do sonho se permite,
eleva o seu espirito, num vôo.

E, enquanto sonha,
é indiferente á luz que o Céu transmite
á paizagem que o cerca, exúbere e risonha :

Não sente a ondulação, não escuta o resôo
das vagas, que, em murmurio desconforme,
arrastando, de longe, as aguas de outros mares,
vêm, humildes, lamber-lhe os calcanhares.

— Aligeros mastins, caracolando espumas,
movendo-se, agitando-se, ás marés,
como a enxugar-se de longinquas brumas,
os vagalhões enrolam-se-lhe aos pés.

E que sonha o Gigante, em sua sesta ?

— Gigante adormecido á beira d'agua,
elle sonha, entresonha,
a Bella-Adormecida na floresta...

Ah ! que ingenua criança, esse gigante ! sonha.
Parece morto de uma grande mágoa,
mas dorme, apenas, sonha...

Dorme, sob os punhaes do Sol do meio-dia.
E, contra insídias que o alto-mar lhe opponha,
o seu corpo deitado custodia
a terra virgem, cuja natureza
se acastella, ao redor, como uma fortaleza.

E o sonho do Gigante é tão grandioso
que elle sonha ha millenios, e não cança
do indefinivel goso,
— supplicio de fakir, intima fé, confiança.

Sonha uma nova Patria, una e harmoniosa,
refugio universal :

Qual na Rosa dos Ventos se harmonizam
todas as direcções do Horizonte e da Esphera,
assim, no abraço dessa Patria ideal,
são petalas irmãs da mesma rosa
todas as patrias que ora se hostilizam,
embriagadas de luz, mas sem fanal.

Sonha a Pátria da Eterna Primavera,
onde não falte pão á nossa fome,
nem agua á nossa sêde, estímulo á nossa alma,
nem paz ao nosso somno...

Como sonha o Gigante ! O mar se acalma :
com suas próprias penas se consome...

Como dorme o gigante !
Dura, ha muitos millenios, o seu somno.

A's vezes, quasi movel e arquejante,
parece ver, prever, que o solo em que se deita,
é o verdadeiro throno,
throno, sem reis, para uma patria eleita,
patria de redempção, Cidade do Porvir...

Noite. O disco lunar, pallido e enorme,
lembra uma rosa murcha, a refflorir :

Anima-se, tacteia, olha o Gigante, fala
e no rosto de pedra, a luz se despeta,
a tremer e a sorrir...

Mas o Gigante dorme, ainda dorme...
Deixemol-o sonhar, deixemol-o dormir...

E, si, um dia, o Gigante
despertar, estender o braço, unir a fronte
ao Céu, alto e distante
e afastar para além, com os olhos, o horizonte,
e, mais forte que Antheu, maior que Atlante,
distender um tendão em cada monte
e um musculo de pedra em cada cordilheira
e com a respiração das ventanias,
soprar, feitas em pó, as tyrannias
sobre as ruínas da ultima fronteira ?

Si o gigante acordar, rolar as serranias
contra o balcão dos vendilhões de feira
e erguer nos hombros, como num altar,
o novo Christo da fraternidade ?...

O Gigante que dorme, ainda dorme,
mas um dia — alto lá !
Si o homem é pequenino, a terra é enorme.
O gigante que dorme é a Humanidade.
O gigante nem sempre dormirá !

A nova Língua

No futuro, haverá uma linguagem talvez perpetua; nova, com certeza: — flora de sons, clamor da natureza, thesouro expressional de idéa e imagem.

Língua, feita da união da portugueza, com outras, de outros povos, em romagem na Terra virgem e no Mar selvagem! — Plasma verbal de nova Marselheza...

Lingua afinada no vertiginoso
rythmo do coração americano,
na agitação tentacular da Vida :

— Canto de actividade e de repouso,
entoando em voz oracular de oceano
a esperança da Terra-Promettida...

A nova Raça

Não, não é a mestiça das Tres Raças,
nem de outras tantas mais : é o suave e lento,
e inimitavel aperfeiçoamento
de todas ellas, em seus dons e graças.

Desse miracular renascimento
que já surge esplendor — entre prolfas,
a nossa é a perfeição das varias raças
em corpo e sangue, em alma e pensamento.

E' o baobah secular e o oity franzino;
a rosa virgem da ultima florada,
pura por vocação e por destino.

E' a Belleza, mais nova, e rediviva:
— carne de madreperola rosada
— alma de luz de lampada votiva...

O cruzeiro do
Sul.

Com seus cinco sentidos, o Universo
fez cinco estrellas, e, das cinco estrellas,
fez a Constellação do Crucifixo.

E, assim, deitado sobre cinco estrellas,
unidas de invisivel rêde aérea,
o espirito dos Céos vela, abençoando
a terra que nasceu sob o seu signo:

3 — Terra que tem a Cruz — no antigo nome,
e no encontro das quatro bissetrizes
imaginárias do losango de ouro,
e no hemispherio austral, glorificado
no azul-celeste da bandeira verde...

E nos mastros, em cruz, das caravelas
dos arrojados nautas que, primeiro,
vieram plantar-lhe a cruz no sólo virgem.
E nos fastos eternos da sua alma,
essa cruz interior do seu destino
que se ha-de constellar no céu da Historia !

Floreal

Tens, forasteiro, aqui, sem vãs procuras,
todos os climas e temperaturas.

Não o frio polar; nem o calor
do áfrico reverbéro do Equador.

Sem se ter de embuçar, mezes e mezes,
como laponios e dinamarquezes;

Sem a angustia invernãl, que põe á prova
Terra do Labrador e Terra-Nova;

E sem mais a nudez com que o selvicola
arrostava os rigores do verão;

Conhecerás aqui, ó forasteiro,
noites de geada, dias de canicula:

Mas terás, em verdade, no anno inteiro,
a primavera eterna em floração.

— Primavera dos tropicos... E o outono
dos pampas... E esse inverno abrindo em flôres,

ruflando de azas — permanente entono
primaveril de passaros cantores;

Esse inverno, de bens ininterruptos,
estação de sementes e de frutos;

— Inverno azul, de amena paz climatica,
como jámais teria a Russia Asiatica;

Nem a Italia do Norte, nem a França
mediterranea: — inverno de bonança:

— Esse inverno sem gelos, sem nortadas,
das montanhas de Minas, socegadas.

E os dias, ao abrigo dos flagellos,
são todos, todos igualmente bellos.

Mas a nossa estação alviçareira,
cosmica e éticamente brasileira;

Nossa, pelos seus tons kaleidoscopicos
e pelos seus aspectos pinturescos;

E', sem duvida, o Estio, sob os tropicos,
fecundo e bom, providencial, ás vezes;

essa ardente e feliz, essa gloriosa
Primavera-estival de doze mezes !

— Nossa, pelos seus tons kaleidoscopicos
e pelos seus aspectos pinturescos !

Nossa, na exhalação de cada rosa
desmaiada em idyllios romanescos !

E na musica extranha das fanfarras
das cachoeiras perdidas nos sertões...

E no estridulo canto das cigarras,
lagrima e guiso de recordações...

— Ininterrupto chocalhar de guiso,
crystallizada lagrima com azas:

Cigarra do Brasil, és um sorriso
dissimulando corações em brasas !

E's a alegria dos grotões fechados,
és a tristeza dos jardins abertos:

— Um ai da alma penada dos desertos
ecoando, alegre, pelos descampados !

Enches as selvas e enches a cidade
como um adeus perdido do sertão...

È estalas de alegria e de saudade,
ardes e estalas como um coração.

E' Dezembro. Andam rosas pelas jarras.
Que florido verão primaveril !

Dezembro, mez do Sol e das cigarras !
Dezembro, mez de Deus e do Brasil !

A Cidade Esplendida

No principio, era o cáos — o cáos de treva.
E agora ? ainda é o cáos — o cáos de luz :
— o vórtice, a plethora que nos leva,
autómatos e cegos, na inconsciencia
que, apressando o Apogeu, apressa a Decadencia
e o curso natural dos Seculos reduz.

Amanhan, que será desse mundo cahótico,
sob as masculas forças que dirigem
a Humanidade para o seu Thabor ?
Desmaiará Paris — esse narcotico !
desabará New-York — essa vertigem !
E só tu reinarás, cidade do Esplendor !

Urbe — tens a harmonia das Tres Graças
— a Arvore, a Agua e a Montanha: eternos dons.
Civitas — a harmonia de tres raças,
povos de varias leis, almas de varios tons,
na colmeia das tuas officinas,
Nos teus lares, no mundo-ideal, que vaticinas
Lar da Familia humana, éden dos homens bons !

Terra da Redempção e da Fraternidade,
Cidade da Esperança, ó Bysancio christã !
Jardim do Novo-Mundo, Ara da Liberdade...
Resurreição do olhar do forasteiro,
— ó cidade do Rio de Janeiro,
cidade do Porvir... Heliópolis... Canaan...

Despertar, redimir !

Só a Dôr purifica e aperfeiçoa,
só a Dôr é immortal :
Pois, na auréola dos Santos, a corôa
dos Mártires se accende e arde em fanal.

Talvez (nem sempre o abysmo attráe o abysmo !)
o Odio dê frutos de piedade e amor,
e a dôr do heróe sem nome arda no heroismo
libertador...

Libertar, libertar-se. O falso duende
desmascara-se: — E o másculo Gigante,
ou perdôa ao que, humilde, se arrepende,
ou castiga os pigmeus com o seu montante !

Velha comedia, essa immoral comedia
da Humanidade contra a Humanidade !
Vem da insania feudal, da Idade-Media,
vem dos longes confins da Antiguidade.

Velha astucia de corvo carniceiro
parasita da sanie, da immundicie,
contra a Aguia, que do pincaro ao Outeiro
baixou e poz os olhos na Planicie...

A Aguia desperta, estende as garras, soita
as azas livres. — A Resignação,
que é dôr inerte, freme na Revolta :
— O Cordeiro levanta-se no Leão !

A natureza humana se resigna
à escravidão de Deus — mas só a aceita,
dentro do sonho de ainda ser mais digna,
na aspiração de, um dia, ser perfeita.

Não a constranjam, nunca ! Nem lhe domem
os seus nobres impulsos naturaes,
no captivo hostil do Homem ao Homem,
nessa desigualdade dos iguaes !

Não ! Que a Dôr quebra os diques, salta o nivel
da agua retida, e, como a luz solar,
rompe os nevoeiros densos do Impossivel
sobre as sagradas coleras do Mar...

Quando simuns e gulf-streams em ira
(alma das cousas, que, em vindictas, erra)
arrasam as montanhas de mentira,
varrem com as azas do tufão a Terra :

— O' Terra generosa, não tens donos !
— O' livre Humanidade, não ha reis !
Salvo os cimos perpetuos, não ha thronos !
Salvo os rythmos eternos, não ha leis !

Torva ambição tyrannica, ser forte
sobre os fracos ! Ridiculo destino
reinar sobre a miseria e sobre a morte,
ser grande de humilhar o pequenino !

O' tyrannia immemorial do Mundo :
— Sommar o nosso, para diminuir
o de outrem, é semear, no humus fecundo
do Odio eterno, a discordia do porvir.

A Humanidade nova nos ensina,
alto, da altura de onde a luz promana :
Multiplicar — é a grande lei divina
e repartir — é a grande lei humana.

Repartir ! extender, na Mesa, a todos
o pão do Amor fraterno, e a luz, no lar.
Que o pão negado vae formar os lodos
das crateras, dos pantanos, do mar.

E essas furias do mar e das crateras
damnificando, em seus gloriosos damnos,
são feras que Deus solta, contra as feras
enjauladas nas almas dos tyrannos.

Repartir, pela vida e pela morte,
é redimir, é commungar no Ideal,
e sagrar o Homem-Livre, integro e forte
na unidade da Graça universal.

Cantos brasileiros

Ào meu amigo
La-Fayette Côrtes

Guanabara !

Menos que um golfo, mais que uma bahia;
bordada, interiormente,
de reconcavos, angras e enseadas:

Oh ! que deslumbramento — ao meio-dia !
Ao Luar-nascente,
que sobrenatural conto de fadas !

E quando as noites são profundas, quando
nafraga o tom irial das onda gaias
no móbil tenebrario, adormecido;

— a fita hemiciclear das tuas praias,
como um fio de perolas perdido,
vae fulgurando, vae escamejando...

Vae fulgurando, vae escamejando
com seus colleios de serpente de ouro,
das curvas do “Arpoador” aos pés da “Babylonia”,
e vae, de praia em praia, até o ancoradouro...

Onde, em que mundo olympico — velha Ionia
encantada, em que Cólchida lendaria,
ou raconto de assombros, persa ou mouro,
em que palacio hindú da historia millenaria,
ha tanta luz assim radiando em ouro ? !

Cançado de ondular, quasi ao glacial bafejo
das Nereidas do polo, o Atlantico alongou-se,
alongou-se, da face aos pés do Continente.

Cingiu a "Terra Nova", espasmejou, ao beijo
que, nos labios do Golfo Mexicano,
a "Florida" e o "Yucatan" estendem sensualmente:

— beijo da terra-firme ao volúvel Oceano,
dado á bocca da America, impaciente,
como a tragar o cacho de uvas das Antilhas.

Teve no gulf-stream o cáprico arrepio
da febre do desejo ! Espraiou-se... espraizou-se,
torcicolosamente...

Tão longe, a terra em flôr ! tão alto, as maravilhas
do Azul macio e doce !

Que voluptia no mar ! E o céo, tão frio...

Lá se vem, rumo ao sul, o Mar-Gigante,
épico, formidavel, ululante,

o peito a estuar, condecorado de ilhas...

Quasi á altura do estuario do Amazonas,
reteve o abraço do Equador, constricto
nos braços das oceanides — sereias
com requebros e encantos de madonas...

E, entresonhando novas maravilhas,
levantava para o ar montanhas de agua
e quebrava nas mãos montanhas de granito.

Costeou mais, foi deixando a sua magoa
no abraço voluptuoso das sereias
e no abraço estellar do Cruzeiro ao Infinito !...

Veio mais, rumo a terra: e, assim, rasgado
em pontas de arrecifes, e alisado
em velludos de placidas areias...

Num extase christão ajoelhou-se, constricto,
ao presepio pagão da Natureza
do Brasil littoraneo.

E no extase feliz, largado á correnteza,
pensou no mundo ancião, nos velhos mares,
nas glorias mortas do Mediterraneo.

Que flabello subtil de novos ares !
Nos recortes da serra
entreviu o perfil da Cordilheira enorme.

E saudou, contemplando a terra dos Atlantes,
a fraternização dos dois gigantes:
— o Gigante do Mar e o Gigante da Terra,
o Gigante que vela e o Gigante que dorme.

O Gigante do Mar, sonhava um cofre occulto
— força do seu segredo — e abriu o coração:

E, refugio de paz á sua fé guerreira,
entranhando-se em terra brasileira,
formou a gruta eterna do seu culto,
Coração de Neptuno, escriptorio da Criação...

E o seu thesouro — em dons e pedrarias,
como estrellas cahidas dos Espaços —
brilhou no cofre, ardeu na sombra, encheu os
das enseadas baldias...

O Gigante da Terra abriu os braços,
o Gigante do Mar abriu as mãos:

E Urania choveu astros... E Neptuno
choveu pérolas, de humidos fulgores...

E Cybelle e Vertumno
abriram palmas, constellaram flores,
em torno ao golfo esplendido, estrellado
de algas, cómoros, insulas e ilhéos...

— Guanabara ! — em teu seio,
o bramido das vagas é um gorgueio !

E são as ondas, ageis no bailado,
passaros verdes que, no equóreo prado,
rufam as azas, sob espumeos véos...

— Não és mar: és céu fluido,
cahido, por descuido,
desintegrado da amplidão dos Céos...

E, si, quebrando o cáes, fôrças a raia.
com promontorios de agua contra a praia
nos teus dias de colera e rancôr:

— E's Venus-Tragica, Astarté-sombria,
Salomé de vingança e de histeria
contra o sol — Iokanaan de cada dia,
cabeça em sangue, no aureo resplendor...

Depois, voltas ao extase romantico,
palpitas... E's o coração do Atlantico,
desmaiando de amor...

Moema

Rosa rubra dos Tropicos... Moema !
Alma-virgem das lendas brasileiras !
Irmã — pela constancia — de Iracema...

Romantica-selvagem ! flôr de idyllio,
antes havido só nas verdadeiras
Amorasas de Homéro e de Virgilio !

Predestinada, passional Moema !
Amor sacrificado ! dôr vivida
nos sete espinhos de amoroso poema !

Virginal Dido-Elissa das florestas,
mais do que abandonada — incompreendida
no amor de sacrificio, a que te aprestas !

Caramurú partiu... E, como Enéas,
foi para sempre ! Mas não foi sozinho,
arreatado a novas epopéas.

Foi entre os braços de outra — amante e amado —
abrindo sobre as ondas o caminho
á galera feliz do seu noivado.

Vendo esbater-se no horizonte a nave,
tentou-te o Mar. E, entregue á tua sorte,
foste boiando á correnteza suave...

Oh ! que desgraça ! E que belleza, a tua !
— “Tanto era bella, no seu rosto, a Morte”,
e, no teu corpo, a virgindade núa !

Bem mais feliz que tu, Martyr obscura,
foi aquella purissima Lindoya,
tua irmã em martyrio e formosura:

Deu-lhe a Morte esplendor : viu-a dormente
e fêl-a desmaiar — humana joia
no engaste das espiras da serpente.

Quando a alma está nas espiraes do Sonho,
que importa ao corpo em trégoas se lhe enrosque
hera, roseira em flôr, reptil medonho ! ?

Feliz foi ella ! Exhausta de fadiga,
adormeceu, morreu em pleno bosque,
com a attitude de uma estatua antiga.

Mas tu, cabelo solto e a alma em desfolhos,
tu mesma, dêste a hora derradeira
e viste a imagem tragica em teus olhos !

Ias, como as nymphéas da ribeira,
boiando no teu tumulto fluctuante,
immaculada Ophelia brasileira !

Pobre Ophelia abórigene ! Viveste,
morta gloriosa, para o amor constante,
para o sonho de um mundo acima deste !

E renasces nas almas amorosas
e velas do alto do ceeste engaste
a agonia dos lirios e das rosas.

E's, Moema, de certo, a Ophelia triste,
que em dôr e em pensamento transmigraste
e no nosso hemispherio refluoriste.

E, dos braços do Mar — feliz coveiro —
foste aos céos: bruxoleias entre os braços
luminosos e eternos do Cruzeiro...

Bruxoleias e hesitas, que ainda sentes
frias. frias as mãos ! e os olhos, baços
de vigílias e lagrimas recentes:

Porque, — formosa, passional Moema,
alma santificada e constellada
nas sete dôres de teu proprio poema !

— Entre as estrellas, na ansia da alvorada,
vês que a ventura só está, Moema,
só está em amar e ser amada !

Uma epopéa obscura...

Attila rustico ! “Hercules-Quasímodo”,
talhado a foice, descosido a faca
na epopéa candente dos Sertões :
ensimesmado e triste; e agil, omnimodo,
enthesourando em compleição tão fraca
energias de touros e de leões !

Salta dos calcanhares, dubio apoio,
e identifica-se o homem ao cavallo
na caça á fera, na emboscada á rez.
Ou, na calma bucolica do aboio,
lida — pastor solerte — no intervallo
da enxada e da viola, aos quaes se affez.

Tresmalhe o gado, é vê-lo ás correrias,
por varzeas, taboleiros, descampados,
nas mattas e nos plainos chãos e nús,
saltando abysmos, pelas serranias,
renteando os campos rasos, ouriçados
de chiquechiques e mandacarús.

Quando — entocada a onça — o cão impávido
recúa, em estrassalhos, e a garrucha
mente fogo — o Nemrod pequeno e audaz,
cego á vertigem dos perigos, e ávido
da propria morte, invade a toca, puxa
a lamina, arma o golpe, e fere — Zás !

Agoniza o felino. O homem herculeo,
vasado um olho, descarnado um braço,
conserva no outro, gottejante a mão,
a lamina encravada, como acúleo
de planta brava, ou garra, ao brilho do aço
relampeando victoria em seu clarão.

Agora, triste invalido ! em seu peito,
ama o cavallo, que o conduz ainda
— seu verdadeiro irmão irracional;
e aquella que, ao horror de seu defeito,
vendo-o mais feio, se tornou mais linda
e o abandonou á sua dôr mortal.

Agora — ó Lua dos Desilludidos !
O' violão de dolencias e queixumes,
encordado de raios de luar !
Cantae a magoa dos heróes vencidos,
que desmaiam de amor, morrem de ciumes,
palavra á bocca, sem poder falar.

Dos soffrimentos multiplos e innumerous,
só um, de todos, o enfraquece e cança.
Foi-se um dos olhos ? Satisfaz-lhe um só.
Descarnou-se do musculo um dos húmeros ?
Seja ! O que dôe, é a mingua da Esperança
e o amor daquella que o esqueceu sem dó !

Por isso, quando a Lua anda no Espaço
e o choro dos violões enche de pena
o silencio dos ermos no sertão,
elle perdôa o tigre e esquece o braço,
mas não perdôa aquella humana hyena
que lhe abriu chaga eterna ao coração.

Attila rustico ! Hercules-Quasímodo !
um olho a menos, coração ao dobro,
Prometheu mutilado, sem galés !
Para o seu sonho, tresvariado e omnimodo,
fôra Samsão, e em tragico sossôbro
faria tudo em ruinas, aos seus pés...

O ticotico e o pardal

Cambachilras, ticoticos
— passarinhos nacionaes,
tão alegres e tão vivos —
eram bons e inoffensivos.
Mas — ahi estão os motivos
e são motivo de mais ! —
eram bons e inoffensivos,
e, por isso, inexpressivos
e banaes.

Pois, nestes parques tão ricos,
nestes jardins senhoreaes,
só hade haver ticoticos,
ó patativas, colleiros,
chechéos e azulões que andaes,
pequeninos cavalleiros
 medievaes,
no balcão dos sabugueiros
desfolhando madrigaes ?

Somos bons e hospitaleiros
(Louvores convencionaes...)
passarinhos brasileiros,
sob as palmas dos coqueiros,
abram azas fraternaes
aos seus irmãos estrangeiros:
venham alados violeiros,
venham novos rimanceiros.
 aos casaes !

Ticoticos e sanhaços,
para que ? Ha-os, de mais,
nas moitas e nas devezas:
enchamos estes espaços
de passarinhos joviaes

à margem das correntezas,
sob as mattas tropicaes.
Venham, em vez de sanhaços,
toutinegras portuguezas
e pardaes...

E os pardaes das velhas raças
foram chegando aos casaes,
enchendo os jardins e as praças,
as florestas e os quintaes;
e, nos recantos mais ricos,
(antes, virgens das devassas
dos passaros de outras raças),
opprimindo os ticoticos
nacionaes !

E, talvez insatisfeitas
dos thesouros naturaes,
as aves de longe, acceitas
como irmãs e como iguaes,
vão devastando, ás direitas,
as floradas e as colheitas,
os ninhos, as borboletas,
as humildades perfeitas
dos vergeis e dos rosaes.

E, agora, pobres e ricos
vibram clamores geraes:
— Esses pardaes impudicos !
esses malditos pardaes !
Põem as leiras em desordem:
bicam, debicam, remordem
e (é o cumulo !) os impudicos,
perseguem os ticoticos
nacionaes !

Por nossas mãos, o Destino
nos pune os erros fataes:
Condemnar o pequenino
á astucia do grande é mais
do que offender o destino.
E é mais humano e mais nobre,
entre o nosso, feio e pobre,
e o rico e bom, mas alheio,
preferir o pobre e feio,
porque é nosso e vale mais:

Dão-se mal pobres e ricos.
Dão-se mal os ticoticos
e os pardaes.

A epopéa das Aguas

O Espirito das aguas brasileiras
— lagos, rios, torrentes e cachoeiras —
foi perguntar, um dia,
á agua-mater do Oceano qual seria
dos nossos rios o mais nosso — o eleito,
pela unidade natural do curso,
pela riqueza singular do leito,
pelos thesouros que carrega ao Mar...

O Mar não respondeu: cantou, no embalo da agua,
que a eloquencia do Mar não faz discurso,
sabe, apenas, cantar — cantar de mágoa,
na ondulação soturna do percurso
de plaga em plaga, até á solidão polar...

Vem o Amazonas: — Sou o rio-oceano,
a linha do Equador desfeita em lagrimas,
o rio-príncipe... O Brasil, ufano,
traz-me nos hombros: vou desfiando pérolas
e vou despetalando sobre o mundo
nelumbos, aguapés, victorias-régias
nas aguas tumultuosas com que inundo
os desertos confins. E o Céu, azul, protege-as
contra a sêde immortal do sol dos tropicos,
insaciavel Silemno, caçador
das lymphas claras e dos fluidos veios,
que andam lavando os pés, banhando os seios,
ao luminoso amplexo do Equador.

Sou o indomito filho da Floresta,
genio revél das aguas brasileiras,
que salta abysmos e grotões, infesta
as varzeas livres e transpõe fronteiras,
redemoinhando em louco frenesi...
Venho de quem dos Andes, da floresta
inexplorada, muito além... Nasci...

— O mar espera. Um vagalhão protesta,
uma ondina sacode-se, e sorri...
E o rio, perturbando-se: a floresta,
berço das minhas aguas — mar sem pólo,
mar-brasileiro...

(A voz do mar troveja: o mar contesta !)
E o rio: — eu, seiva do brasileiro solo,
vim, cambaleando, do despenhadeiro,,
vim do Brasil ignoto, altar de Vesta...

(E uma voz, do Invisível: — Forasteiro !
De onde vens, afinal ? onde nasceste tu,
que te crês rio-mar, mar brasileiro ?...)
E o rio: Vim de um lago, no Perú,
mas quebrei os grilhões de prisioneiro,
e, derrubando os marcos do roteiro,
rasguei na terra livre o peito nú
e baptizei-me rio brasileiro
e me esqueci do lago do Perú...

Vem o rio da Prata: em minhas veias,
palpita o sangue do Brasil, nas aguas
do Paraná, cujas arterias, cheias,
conduzo para o Mar: levo-as e trago-as,
sinto-as, de longe, ansiando, tumultuosas,
de quéda em quéda, pelas Sete Quédas,
despetalando, espumejando rosas,
forjando estrellas e cunhando moedas,
moedas de prata liquida, medalhas
de ouro pallido, ephemeros fragmentos,
reflexos e estilhaços e metralhas
da luta natural dos elementos,
quebrando-se, rolando do Iguassú

para o perpetuo mausoléu do Oceano,
cemiterio dos rios... Venho, do alto,
da altura das indomitas cachoeiras
e exalto-me de orgulho sobrehumano
quando me entra nos flancos, para o assalto,
a energia das aguas brasileiras,
o impeto das torrentes do Iguassú...

(E a voz do Ermo sorri-se: "Rio eleito,
eleito do Brasil ? ! Vens de tão alto,
mas vaes buscar teu derradeiro leite
em longes terras a que dás teu nome,
e onde repousas, tu,
carcereiro das aguas, carcereiro
do Paraná fecundo, em cujo sangue
alimentas, ó polvo, a tua fome,
bem antes de ires desmaiar, exangue,

e acabar,
parasita do sangue brasileiro,
no eterno seio-de-abrahão do Mar...)

E veio, emfim, o São-Francisco, o rio
legendario do Poema dos Escravos,
— *sucuruíuba enorme* que se atira
ao Minotauro colossal do Atlantico...

Inutil desafio !

Um prelio entre dois bravos !

Pois nem o Mar exgotta o grande rio,
nem o rio domina o monstro impavido,
que contra as proprias vagas
se encapella e aturdira
e pulveriza as fragas
em seus momentos de ira !

E, serenado o encontro, o rio exclama :

Bem sei que não sou eu o Rio-principe.

O Amazonas, ao norte, é bem maior, derrama
agua mais caudalosa ondeando em fremitos,
na alma insurreicional, no surto ousado
das pororócas; e ás marés quebrando-se,
parece um novo mar, precipitado
contra o Mar-alto, que, nos ermos, clama...

E no estuario do Prata, ao sul, nesse amplo estuario,
gigantesco, imponente,
nessa entrada triumphal para o plenario
do Mar livre, que o chama,
encruzilhada historica, entrevista
de tres lindas regiões do Continente,
ha mais encantamentos para a vista,
recordações mais vivas... Entretanto...

Palpita nos meus estos todo o orgulho
do sertão brasileiro, todo o encanto
da flora virgem, toda a altaneria
das montanhas centraes. Sou o marulho
da agua da serra, leite da montanha
que alimentou o meu primeiro dia
no berço azul da terra brasileira.

Nascido, alimentado e acostumado
aos bafejos viris da cordilheira,
vim do Brasil para o Brasil, fadado
a ser a arteria nacional, o rio
por excellencia, o mar-mediterraneo
do sertão arredio.
Sou o genio do Mar, que, em subitaneo
impeto, contra o promontorio esconso,
fez estalar o coração da Terra.

E, interrompido o fluxo, em sobresalto,
na epopéa fluvial de Paulo Affonso,
dei-me o destino heroico que se encerra
e recomeça em cada novo salto.

Mas, nos vae-vens da accidentada viagem,
jámais bati á porta do extranjeiro,
jámais pedi a misera hospedagem
de leito extranho: na aspera romagem,
jámais abri meu coração selvagem
á confluencia de rio forasteiro,
vindo de outra paragem.

Sou, em verdade, o Rio-brasileiro,
o filho dos Sertões, o espelho, a imagem
do Mar-livre, na terra do Cruzeiro...

E o Mar livre, de subito,
despertou e espraçou-se em largo arquejo.

E, vendo o rio heroico, a desaguar,
estendeu-lhe, de longe, um grande beijo.

E as Tritões e as Oceanides,
bem comprehenderam que o gigante arisco,
o legendario rio São-Francisco,
filho de quatro lares brasileiros
na unidade da Patria tutelar,
devera ser sagrado o Rio-principe,
vindo do solio dos despenhadeiros
á convergencia universal do Mar.

Pery

Pery, na sua ingenua singeleza,
é o instincto da Força e da Belleza,
a synthese da nossa natureza
tropical :

Rude Apollo sem lyra, Orpheu bisonho,
Hercules virgem, Tantalo risonho,
feliz no seu castigo, que é o seu sonho
passional !

Domia os jaguares, sob a audaz forquilha !
Burla ao rancôr das tribus e armadilha :
Só não burla esse amor, que o exalta e humilha !
— O pudor da paixão...

Amor que o traz impávido e solerte,
que lhe esclarece o espirito e o converte,
e o deixa, ás vezes, esquecido, inerte,
quasi em levitação...

Vêl-o, dir-se-ia que nasceu athleta.
E' bravo. E tem, por intuição secreta,
a força occulta contra hervada setta !
E um fakir... e é um titan !

Filhos de Zeus, que thorax apollineo !
E que excelso character, rectilineo,
ó Budha, nesse coração virgineo
que ama, e espera Tupan !

Prisioneiro dos seus, ou libertado
para o amor dos extranhos, não lhe é dado
viver tranquillo, pobre enamorado,
Pery !

E' vencedor, nos tramites da guerra,
nos peraus, nos grotões; na agua, na terra.
Só não vence em si mesmo, á dôr que o encerra,
escravo de Cecy...

Manietado, no poste, ante a fogueira,
condemnado á vingança ruim, traçoeira,
Prometheu da floresta brasileira
justiçado por Jupiter-Tupan...

Não morrerá, não cahirá sem vida,
como vil caça humana appetecida:
Já desperta em Pery a fé, nascida
da humilde christã...

Penará, horas, dias e decendios,
mas saberá sorrir dos vilipendios.
E, entre as calamidades e os incendios,
viverá.

Viverá para o amor e o sacrificio,
para a dedicação ao beneficio,
rolará do planalto ao precipicio,
penará, errará, sobrevirá...

Pery, na sua heroica ingenuidade,
é o genio humilde da fidelidade :
Morrer ser-lhe-á uma felicidade,
si fôr miter !

Que importa o caetetú, a onça parda,
a cascavel que, á espera, se alaparda ?
Pery é qual si fôra um cão de guarda,
aos pés de uma mulher...

Um dia, ao brilho de sinistras luzes
entrecruzam-se as settas e abre cruces
na sombra o boccaréo dos arcabuzes...
— Morte, morte ao traidor !

Traidor — aquelle que, esquecendo o mundo,
o odio das velhas tribus, iracundo,
sobrepoz ao seu deus, de que é oriundo,
o seu Amor !

E ferve a luta, e afoga na sangueira
a alma selvagem ! e arde na fogueira
a alegria de Pan... Pery se esgueira,
foge, e fugindo, é o nobre vencedor :

Porque, salvos das settas e da chamma,
traz, victoriosos da terrivel trama,
o seu amor, e a Imagem viva, que ama,
e tem nos braços, como num andor...

E' a victoria da fé. Pery se apresta.
A' floresta de chammas, a floresta
de sombras e abusões succede. Resta
o rio, e a salvação.

A densa mattaria se apendôa.
Já longe o incendio, estralejando, atrôa...
Borbulha o rio, move-se a canôa,
bate-lhe o coração.

Lá se vão, noite a dentro, rio afóra...
Em pouco, a benção luminar da Aurora
sagrará, noutra margem, que se enflora,
o noivado feliz.

A agua estremece, augmenta a correnteza,
e a leve nave rola, na incerteza...
A Tempestade agita a Natureza
em crispações febris...

A enchente ! a enchente ! Em fremitos selvagens,
o rio cobre os troncos e as ramagens
e vae formando tragicas voragens,
em redor...

Boiam no lodo frondes e raizes...
Unem o Amor e a Morte as directrizes...
Amar, morrer ! Que naufragos felizes !
A morte é grande. O Amor, talvez, maior...

Pery, na sua ingenua singeleza,
é o instincto da Força e da Belleza,
a synthese da nossa natureza
millenar :

Encarnação de sepirito de Vesta :
o genio bom e simples da Floresta,
que a miragem do Amor seduz, sequesta
para a voragem tragica do Mar...

Dezembro

Dezembro em meu paiz. Ao pôr do sol, dir-se-ia,
o Azul se amplia,
o céu augmenta, a terra augmenta, augmenta o mar.
Que espectáculo ! E que hora de harmonia !
E que ventura na melancolia !
E que sereno orgulho, no pesar !

As montanhas estão mais altas, como á espreita,
esforçando-se para alongar o horizonte,
para vêr, através
da paizagem, de frente,
todo o cyclo orographico, que a estreita :

E, por subir mais alto, as ondas, mansas,
têm a curiosidade das crianças
e parecem ficar na pontinha dos pés...

Dezembro em meu paiz ! Os bairros miseráveis
são, neste mez de festas,
mais alegres, talvez, que os bairros nobres.
— Que saudade, nas almas dos velhinhos !
Que amor, nas dos mendigos veneráveis,
tacteantes nos caminhos !
Que alvoroço, feliz nas casitas modestas
das mulheres do povo e dos meninos pobres !

E que riqueza, a desses pobrezinhos.
por este mez de Deus, de tantas festas,
em que os sinos têm voz de passarinhos
na gaiola da torre, e os proprios dobres
são tão alviçareiros e joviaes
como uma algaravia de pardaes !

Natal em minha terra !
Dezembro em meu paiz !

Que encantadora ingenuidade encerra
a legenda que diz
ser o Menino-Deus cidadão brasileiro
— tanto que poz aqui seu cofre e seu celeiro,
tão amigo que elle é do meu paiz !

A estas horas, lá longe, o frio é tanto !
Néva a aldeia, Jesus !
Nem o céo a protege com o seu manto !
No emtanto, a mão de Deus nos é tão leve,
que, enquanto noutras terras cáe a neve,
aqui a neve cáe ardendo em luz !

E que thesouro, na scenographia
das tardes longas, pôr-de-sóes sangrentos,
quando ao morrer do Dia,
ha estremecimentos
cyclopicos, titanicos, maiúsculos,
como si os Deuses e os Titans — reconciliados —
resurgissem de nós, maravilhados
na representação divina dos Crepúsculos !

E, quando a Noite desce,
tão carregada de constellações
que mais parece o céu uma Arvore de Estrellas
ao alcance das nossas Illusões...
— Que bem, nas almas ! que extase, entretel-as
no milagroso balsamo da Prece
e no entresonho das Recordações !

Luar do Equador

Que transbordamento
pelo firmamento !
Que embevecimento
— o mar,
ao clarão velado
de aureo cortinado,
ao encantamento
lunar !

Sobre o mar, em cheio,
desce o véo — brocado
de alvo rendilhado
nas roupagens cérulas,
sob as quaes, no meio
do salão doirado,
ondas, em colleio,
dançam no bailado !

Palpitante o seio,
salpicando perolas,
no desalinhado
do gentil bailado
cada corpo airado,
de irisadas veias,
é um jardim-fechado
no festim sagrado
das Sereias...

E os Tritões, a nado,
vêm do mar-penado
no lençol das Cheias...
Vêm pousar o peito
ansioso e tumido
nas subtis areias...
Ondas e Sereias,
cobrem-lhes o peito
com o cabello humido.

Sob a unção da Lúa,
todo o mar é um leito
preso ao véo desfeito
do luar :
á amorosa sede
dos Tritões, a Lúa
é aurifluida rede
que, a tremer, fluctua
no mar...

Sob o céu aberto
ardem joalherias.
Sobre o mar, referto,
tremem ardentias.
E nas almas todas,
férvidas ou frias,
reflorece, em bôdas,
sonho redivivo
de saudades mortas...

Sentimento vivo
de saudades mortas !
O' luar que exhortas
entre os corações
vã idealidade
de felicidade
na necessidade
de outras illusões...

Luas de Veneza,
noites de Sorrento,
céos de encantamento
subtil...

— Tens mais subtileza
e embevecimento,
luar de sentimento,
lua do Brasil!

Desce o Plenilunio
para o abysmo equóreo,
e abre um oratorio
para o infortunio
do Mar.

E, á uncção celeste,
todo o Mar reveste
soberana veste
talar :

Que solemnidade !
— Ver o Mar rezando,
ver o Mar ciciando .
cantos de oblação !
E no fundo da agua,
quando tudo cessa,
ver a Lua impressa
como um coração !

Ver no fundo da agua
como num escriptorio,
essa eterna magoa
que, a forçar galés,
põe o Mar furioso
na fraqueza da agua,
ao voluptuoso,
brando, vellutineo
fluido das marés...

Que transbordamento
pelo firmamento !
Que deslumbramento
o luar,
derramando as notas
de intimo alaúde
sobre a quietude
do mar !

Graça das remotas
solidões dos mares !
Nume dos altares
de saudade e amor :
— Lua alviçareira,
Lua cançoneira,
Lua brasileira,
Lua do Equador !

Primavera eterna !

Ao bailado das ondas, ao balanço
das arvores, floridas; á harmonia
das grandes convulsões maravilhosas
que regem a estellar choreographia
e unem no abraço universal da Esphera
a terra, o céu, o mar,
a Natureza
compõe sua camandula de rosas
com festões de loureiro e ramos de hera
e se põe a cantar.

Vae coroar-se, em summa:
o céu ri astros de ouro,
as ondas riem espuma
e a flora virgem, pela redondeza
que em dons miraculosos exubêra,
ri pétalas, ao côro
das dryades em bando.
E' a Primavera.
E' a Primavera que se está engrinaldando.

E' a deusa, a deusa esplendida e florida,
alma visivel, expressão perfeita.
Divina — julga ver, serena, a Vida;
mas, feminina que é, mulher garrida,
doidivaneia, vive insatisfeita:

Retornando aos sem-fins do Imponderavel,
quer ser fecundidade de colheita,
ella que é só promessa de noivado.
Quer ser mais... O' Vaidade insatisfeita!
Quer ter mais... Ambição incontentavel!

E a Deusa-embaxatriz da Graça e da Belleza
do seu plaustro doirado
alonga os olhos pela natureza:

— Sou feliz, porque sou a Primavera;
sou a dança dos elfos, sou a graça
dos jardins, sou a irradiação da Esphera,
o sorriso da aurora,
a pluma azul da névoa que esvoaça,
o perfume da flora,
a chamma para o vinho, e o vinho para a taça...
Mas sou a Primavera,
e a Primavera — passa...

Vida ephemera ! em vão busto entretel-a
na emoção de réinar e ser gloriosa.
Si vou chorar — accende-se uma estrella;
si vou sorrir — entreabre-se uma rosa...

Sou feliz, porque sou a Primavera.
Ser feliz ! bem quizera
augmentar, noite e dia, os meus fulgores,
mais estrellas, mais céos, mais claridade,
mais azas, mais perfumes e mais flores.

E, ao sol nascente,
o meu sorriso fosse ebúrnea ventarola
desencantando miracularmente
de cada irial corolla
alado coração adolescente,
batendo as azas, de felicidade.

Eu quizera, quizera
mais arvores, mais passaros, mais flores,
mais dons encantadores
e menos — menos transitoriedade...

Ser mais formosa e menos passageira,
ser a um tempo, Belleza e Eternidade:
aspirar a ser mais que primavera
e ser — a Primavera Brasileira !

Ver, do campo a verdear de monte a monte,
a orgia de ouro eterno do horizonte !

Todo dia, o anno inteiro,
ter violetas florindo em meu canteiro !

E, si, um dia, morrer, ter, na hora extrema,
o Cruzeiro do Sul no meu diadema...

Impenetravel aos clarões da aurora,
no seio dyonisiaco das mattas,
erguer um templo millenar a Flora,
entre columnas de jequitibás:

E entre arvores menores, como nichos,
ver e ouvir, pelas módulos sonatas,
o requinte, os caprichos
do bailado subtil dos "Tangarás" !...

— Oh ! não faças rumor pelos caminhos.
Sús ! lá vêm os divinos passarinhos.

São oito ou dez. Pousaram.
Começaram.

Um — dirige o quintetto.
Outro — rege a vertigem do minuetto.

Vêdes ? Quem ensinára a ingenuas aves
passos tão certos, rythmos tão suaves !

Onde, em que mundo humano, se veria
tão lindo curso de choreographia ?

— Poetas ariscos da Simplicidade,
como os não ha nas festas da Cidade...

Que prodigios de graça e de minucia
desenhados na alfombra de pellucia !

Dançarinos do céu, em passageira
revoada... Primavera brasileira !

E, findo o baile, sem nenhum cansasso,
não cedem corpo, na indolente inercia :
Vêm á cadencia musical do vôo
ao resôo
dos ultimos requebros do compasso.

De onde viriam essas almazinhas
cheias de senso, intelligencia e astucia ?

Dos antigos sabbats ? Da antiga Persia ?
Das solidões nostalgicas da Russia ?

Ou são, talvez, a alada resonancia
das velhas mysteriosas ladainhas
da Chaldéa — esse mundo inda na infancia,
em que os homens — pensavam e sonhavam,
e as mulheres — cantavam e dançavam,
sem contra-regras, mestres, instructores,
só por instincto e gosto — como as flores
desabrocham, e os passaros gorgeiam,
ou nessa tarde lenta, hora de paz,
sob as ramagens largas, que se alteiam,
dançam os Tangarás...

Primavera, sorriso da Belleza,
no espelho virginal da Natureza:

Mas, — leve pluma, ephemera fumaça
do cinzeiro de Chronos —
a Primavera passa
como os invernos passam e os outonos...

Por divina excepção, por verdadeira
graça de Deus á deusa ephemera da Graça,
é eterna a Primavera brasileira:
e a eternidade dá-lhe o talisman
de ser sempre mais bella em seus sorrisos,
Fada loira dos sonhos de Dyonisos
e do delirio sensual de Pan.

O meu paiz . . .

*Não me ufano da terra em que nasci,
simplesmente por ter nascido nella :
nem por sêr a mais bella,
a que esplende e sorri,
na mágica opulencia que revela
á maravilhação do meu louvor.*

*— E' a terra em que nasceu, modesto e honrado,
meu Pae, glorioso e humilde lavrador;
e em que nasceu, para o jardim-fechado
do meu Extase, o meu primeiro amor . . .*

*E' a terra em que repousa
minha Mãe, em seu somno de ha vinte annos,
compondo lirios brancos, sob a lousa,
para avatar de corações humanos !*

*Creio que pairam sobre a minha terra
destinos de grandeza e de bondade.
E bem se diz que em sua fórma encerra,
em sua nobre configuração
no mappa-mundi, o meu paiz encerra
um coração :*

*E é, por isso, em verdade,
o coração da Terra.
E talvez guarde em si,
talvez palpite aqui
o grande coração da Humanidade.*

— Eu me ufano da terra em que nasci.

Cantos da Terra-virgem

A immortalidade
de
José de Alencar

Um novo poema
e
renovação
de outros

Ciclo

*Agua parada putrefaz-se... O veio
de agua movel é imagem de agua pura.
Parar é renunciar, caminho em meio,
todos os imprevistos da Aventura.*

*Inercia é estagnação. Della proveio
a duvida, a má fé, na alma perjura :
Virtude é a de imitar o esforço alheio
que no Esforço commum se transfigura.*

*Circulação das vidas, na Existencia !
— Não murche flôr, antes de inflar-se em fruto,
nem fruto, antes de dar — pão, vinho, essencia.*

*Nem murches tu, Belleza jovem, antes
de, no Definitivo e no Absoluto,
viver a Perfeição de alguns instantes...*

As aguas

As aguas eram claras e serenas.
Ondas, si havia, eram subtis e boas,
macias como a paina, o arminho e as pennas,
cantando, no silencio das lagôas,
alegres e harmoniosas cantilenas.

Ao som da fresca, limpida linguagem,
syllabario de fontes crystallinas,
o Homem (Sileno ou Pan) — bruto e selvagem,
correu, enamorou-se das ordinas,
da agua sonora, do ermo, da paizagem.

Foram passando os mezes. Certo dia,
sem desesperações, nem esperanças,
o Homem achou monotona e sombria
a agua, rasa a lagôa, as ondas, mansas
e a natureza em torno, morta e fria.

E maldisse a agua immacula e cantante :
Na ansia de ser mais bello e mais illustre,
o espirito julgou, naquelle instante,
inexpressiva — a estagnação lacustre,
erma — a sua tristeza una e constante.

E, saturado da agua e insatisfeito
da lagôa, elle quiz que se aterrassse
a lympha, e que da inercia do seu leito
surgisse a várzea, flórea e opima, á face
daquelle campo liquido, desfeito.

Assim se fez. Mais tarde, veio o rio
rolando, alegre, do despenhadeiro,
e o Homem apaixonou-se pelo fio
colleante e vario, que era um verdadeiro
espelho ao seu espirito erradio...

E foi seguindo o curso ao fluido veio.
E, a cada curva do trajecto, nova
paizagem, novo encanto, novo enleio,
novo deslumbramento dado á prova
do seu olhar maravilhado e cheio.

No entanto, o veio humillimo e innocente,
ia morrer num pantano, isoiado,
e sepultava-se a agua, de repente,
naquelle solitario descampado,
funebremente, desoladamente...

E o Homem desviou-lhe o curso. A agua, submissa,
seguiu, por novo leito, rumos novos
e penou novas penas, á cubiça
humana, de outros homens, de outros povos
de exigente ambição e árdua justiça.

E novo rio, caudaloso e ufano
da tragica odysseá a que se obriga
para victoria do capricho humano,
rola, saudoso da humildade antiga
e abre caminho largo para o Oceano.

— O Homem, o Rio e o Mar! O Homem, sedento
de maravilhas, ante as maravilhas!
E. em breve, o Mar, vencido, ondeando ao vento,
navalhado de prôas e de quilhas,
queixa-se, prisioneiro, ao Firmamento :

E' que o Homem, através do Mar, se ensaia
de terra em terra, aventureiro, incerto...
Cavalga as ondas que vão ter á praia,
domina o azul do oceanico deserto
que ondúla em torno ás ilhas e desmaia...

De noite, a Agua confessa á Lua-Cheia :
“Vim da Montanha. Sou feliz, no exilio,
pois, si, em proveito de aventura alheia,
longe deixei o campesino idyllio,
posso cantal-o em lagrimas, na areia...”

★

Evaporada, navegada, haurida
pelos milhões de boccas que a consomem.
a Agua é feliz de ver-se convertida
em calma saciedade e em goso do Homem,
para o baptismo natural da Vida !

As pedras

Pedra do precipício,
angulado, anfractuoso pedregulho !
Essa immobildade é heroismo e sacrificio.
Essa mudez eterna é humilhação e orgulho.

Vem d'ahi, homem fátuo, em cuja alma não medra
um pensamento nobre, um sonho claro e são.

— Vês uma pedra ? Curva-te a essa pedra
desmaiada no chão !

Alma vulgar, plebéa,
sabes lá recompôr alma fechada,
a anonyma, infeliz, dolorosa odysseá
dessa humillima pedra esquecida na estrada ? !

Dize lá si é expressão primeira ou derradeira.
Fragmenta-a, extractifica-a, ella é poeira banal !
Avoluma-a, agglomera-a, é cordilheira,
penedo, cathedral...

Pois, que saibas e contes
a historia dessa lagea adormecida
que nasceu alto, lá no pincaro dos montes,
dominou flora e mar e desdenhou da Vida.

Longes annos viveu na altura, de atalaia,
aureolada de lua e sol, névoa e esplendor :
Teve a fria vertigem do Hymalaia
e a visão do Thabor...

Foi montanha: foi surto
petrificado — fremito contido.
Um dia, houve um abalo, um ruido aspero e curto,
e o blócco despenhou-se, á rudez do estampido :

— O Homem aproveitára em pedreira a montanha !...
E a pedra, que era já tão familiar com o Céu,
rolou, com a alma a soluçar na entranha,
peregrinou, ao léo...

Foi columna de templo,
sopé de estatua, cruz de campanario,
Ou, por Sisypho, heróe do doloroso exemplo,
calçou, com uma só pedra, a encosta do Calvario...

Desceu, cahiu no Mar, amontoou-se em rochedo,
ergueu-se em torre, foi pedestal de um pharol,
que se abriu sobre o Oceano, escuro e tredo.
como um nocturno sol

Depois, o maremoto,
que os elementos em furor subverte,
atremessou á praia, a outro paiz, remoto,
essa erradia pedra, essa entidade inerte.

Correu mundo. Foi lousa a um mausoléu. foi muro
a um presidio, foi antro a um tigre, foi, após,
pedra de rua, pedra de monturo...
Eil-a, diante de nós !

Gloriosa pedra bruta !

Chamma extincta ! Alma exhausta ! força inane !
Morta e resuscitada, a cada nova luta,
a cada novo bem de que o Mundo se ufane !

Ajoelha-te a essa pedra, homem frívolo, ocioso !
E' uma consciencia pura ! adormeceu, em paz,
na gloria de silencio e de repouso
do lethargo em que jaz !

Ama essa pedra triste,
degrau de altar, de sólio, ou sepultura,
fundamento dos mil castellos que erigiste,
base eterna de tudo o que fica e perdura !

Pedra da Eternidade, eterniza-te a gloria !
Todo o mal que penou, quanto o Destino quiz,
foi para, na Existencia transitoria,
fazer-te, Homem, feliz !

As jazidas

Entre as visceras pétreas da Montanha,
na casaforte natural da rocha,
onde não chega a luz do sol, que lhe é estranha,
nem chegára clarão de temeraria tocha,
dorme a aurea mina
— jazidas mineraes —
maravilha divina
de incalculaveis, fartos cabedaes.

Confiou-lhe a Natureza a guarda de seus prázios,
todas as suas gemmas,
— esmeraldas, rubis, saphiras e topázios,
rudes, ou já nas perfeições extremas,
dormindo o nobre somno da Riqueza,
o somno mineral de futuros thesouros,
sonhando
o mármore de um collo de princeza,
a corôa de um duque venerando,
a gloria dos broqueis de heróes vindouros.

As arvores gigantes
guardando a encosta, como sentinellas;
e as palmeiras do pino, flabellantes,
espalmam as umbellas
de esmeraldas
para serenamente protegê-las.
e proteger-lhes o ouro abundante das faldas,
contra a cubiça muda das estrellas.

Mas, um dia, o Homem chega. A rocha se abre.
Penetra o explorador. Lida o mineiro.
O chumbo será bala, o ferro será sabre,
o ouro será dinheiro...

E a Montanha ficou desvirginada. Em pouco,
eram romeiros, cegos de aventura,
cegos de cupidez,
cavando a pedra dura,
a trôco
da Fartura
da Opulencia, do Fausto, ou da Morte, talvez.

E os prazios fulgurantes da jazida
e o ouro escondido no interior filão,
surgiram para a Vida,
symbolo sde ambição,
 vaidade, pervertida
em avareza, em ócio, ou em prostituição...

Mas o ouro da Montanha
relampejava ainda em claridade,
e dir-se-ia, da luz em que se banha,
glorificai-a de immortalidade :
—Marmore, estatua! estanho e cobre — o monumento !
ferro, a espada! Cristal, cálix de juramento,
Cálix de fé, ou de arrependimento,
taça do Amor e da Felicidade...

E a Montanha sorria
na doce ebriez da sua fantasia :
—«Eu perdi meu thesouro e minha virgindade,
mas transformei o seio em pedraria
para os escriptorios, em utilidade
de todos, illusão da Humanidade,
esperança dos pobres, ambição
dos ricos, incentivo
do humano espirito, arrojado e activo,
ao serviço da Civilisação.

Feliz quem viva ufana, como vivo,
quem tem, para perder, a gloria de um filão !»

*

A Montanha, exgottada,
perdida a ultima gemma,
abençoada, de cima, o silencio da estrada,
adormece... e se cré glorificada
no ouro do Sol—seu ultimo diadema.

A Montanha, explorada, se bem diz :
E' feliz. porque faz tanta gente feliz...

As arvores

As arvores são boas, por destino.
Ellas têm — melhorado, requintado —
algo do meigo altruismo feminino.

Tudo que dão, é para nosso agrado,
é para beneficio e para ensino
do nosso gosto, lubrico e insaciado.

Todo homem deve ás arvores um preito
de intima exaltação sentimental :
A Arvore é o mais completo, mais perfeito,
mais genuino systema de moral.

Dá-nos tudo que tem: ramos, raizes;
dá-nos flôr, dá-nos fruto — alma e saude,
para ver-nos robustos e felizes.

E o seu altruismo, primitivo e rude
não tem limites, leis, nem directrizes,
sinão a linha recta da Virtude.

Mal rompe da subtérrea luta obscura,
mal nasce e vive, ensaia arborecer,
florece, frutifica... Ora, é fartura,
ora, é consolo e allivio, ora, é prazer.

Frondeja ? a sombra é para nosso goso.
Dá flôr ? é para nosso encantamento
ephemero, voluvel, mas ditoso.

Põe fruto ? o fruto é néctar e alimento,
remedio salutar, miraculoso
para o labio, famélico, ou sedento.

E, quando humanas mãos a abatem, ella
dá-nos a mesa, o leito, o throno, o altar :
—chamma a clarear a noite de quem vela,
lareira a arder, espirito a queimar...

O seu cadaver alimenta a chamma,
a sua chamma aquece o frio ao pobre...
—Bem dita em flôr e fruto, em tronco e em rama !

Sacia as aves e os insectos; cobre
o viajor, da ampla sombra que derrama.
Arvore caridosa, santa e nobre !

Vem para outrem e vae para outrem. Luta,
e, entre lutas e penas, se bem diz
—feliz de a tanta gente ingrata e bruta
ter feito menos bruta e mais feliz !

Os animaes humildes...

Humildes animaes escravizados,
tyrannizados e sacrificados
nos moirões, nas charrúas, nos arados,
Cães fieis. bois sagrados !

Belligeros corseis desinsoffridos,
com o tiroteio ainda nos ouvidos,
e agora em vis cargueiros convertidos,
humilhados, vencidos !

Cães de olhos mansos, velhos perdigueiros,
que já foram cães-feras, verdadeiros
lobos e leões... E, agora, prisioneiros,
calcetas dos terreiros !

Tristes e resignados bois-escravos !
Nem lembram que já foram touros-bravos,
contendo o dór de todos os agravos,
em seus mugidos cavos !

E os garanhões de esplendidas paragens,
obrigados a indignas vassalagens,
ao latego e ao baldão de quaesquer pagens,
nobres potros selvagens !

Pobres rezes equideas, sem vontade,
emasculadas para utilidade,
ou para inutil, frivola vaidade
dos peões da nossa Idade !

Todos amolda, como em fragil massa,
o Homem-Senhor ! e todos, em proflaça,
se affeiçôam ao homem que os desgraça
e lhes perverte a raça !

Mas, nem de os vêr contentes na desdita,
Aquelle que os immola, se acredita
feliz, com a existencia que lhes dicta
a Vontade infinita !

Quer ser senhor de espirito e materia,
no raio em luz, na lama deleteria...
E a propria luz se faz — poeira cinérea...
O' vaidade, ó miseria !

Homem ! si aspiras á immortalidade,
vive um minuto eterno de bondade !
E encontrarás na Solidarieidade
toda a felicidade !

O Indefinível...

O Homem olhou o Mar indefinido
e olhou o Céu indefinível, certo
de que nenhum dos dois tinha sentido.

Seu espirito, ainda mal desperto,
na sucessão de nuvens e ondas, via
só a monotonia do deserto.

Mas, á contemplação de cada dia,
notou em cada vaga uma ansia nova
e em cada névoa, uma emoção já fria.

Viu, curioso, que o Mar se afunda em cova,
Mas se levanta em móbeis cordilheiras,
e em multiplos aspectos se renova.

E são as ondas arvores viajeiras
florindo espumas e frutificando
pérolas, entre occultas sementeiras.

E (bem assim que o Mar, túrgido e pando)
arfou-lhe o peito num esforço intenso,
e adormeceu... Adormeceu, sonhando.

Sonhou: O Céu — thuribulo, amplo, immenso !
O sol — brasa a gerar perpetuas brasas !
As nuvens — espiraes de ethereo incenso...

E em seu sonho, de espumas e de gazas,
passou o friso das primeiras quilhas,
houve o remigio das primeiras azas.

Ao despertar, a arder de maravilhas,
olhou o Céu — estava a arder de estrelas,
e o Mar — estava estrelado de ilhas.

Teve um desejo forte de abrangê-las
no seu abraço de maravilhado,
quize apertá-las, não sómente vê-las.

E, tendo com tristeza e desgosto,
toda a fatalidade do Impossível
e toda a imprecisão do Illimitado:

— Fechou os olhos para o Indefinível.

Revelação

Na curva, ampla e esbatida, do horizonte,
o infinito do Céu, que está defronte
do infinito do Mar,
parece que termina no horizonte
ou se dilúe no imponderavel do ar.

Longe, a Distancia azul, no mesmo abraço,
prende o azul do Ether no azul da Agua: o espaço
cresce — quando o reduz
o azul indefinido desse abraço
feito de brilho e sombra, névoa e luz.

Que haverá para além do Mar ? perscruta
o filho incerto da montanha abrupta,
saudando o littoral:

Que haverá para além do Mar ? perscruta
o homem primévo, quasi irracional.

Prisioneiro que fôra da caverna
troglodítica — a escuridão eterna
desfez-se-lhe, ao abrir
os olhos para o mar, para essa eterna
liberdade das ondas, no ir e vir.

E, por isso, pergunta, á resonancia
das vagas, a que mundos, na Distancia,
vão e vêm as marés...

E, respondendo a propria resonancia;
os vagalhões rebentam-se-lhe aos pés.

Para além desses pelagos profundos,
ha-de haver novos céos e novos mundos,
fartura e esplendidez.

Para onde irão os pelagos profundos ?
De onde vêm ? De outros pelagos, talvez...

Outros mares, depois do Mar sem termos ?
Mais aguas e mais terras ?... Ou céos ermos,
cheios só de illusão ?

— Diante da esphinge azul do Mar sem termos,
o Homem sonhava... com a Navegação...

Dessa visão miragínosa e suave,
surgiu o esboço da primeira nave...

Temerarios bates
desafiam o mar, bravo ou suave...
E pannejam as velas: — são carteis...

Sonho immortal, visão dos Argonautas,
Cólchida, luz de aspirações incautas,
que inda nos mostra, a nós,
remotos descendentes de argonautas,
o surto, e a gloria do que veio após !

Nesse primeiro passo para a luta
da Intelligencia livre e da Agua bruta,
ó vela de Jasão,
foste o estandarte, na primeira luta
semeadora da Civilização.

Navegar, commerciar o Pensamento !
Oppôr azas de panno á aza do vento !
Navegar ! Imitar,
no abraço fraternal do Pensamento,
o abraço eterno que une a Terra ao Mar !

Icaro redivivo

Olhando o vôo ás aves e aos insectos,
fechou os olhos para o seu destino,
teve a vertigem dos allucinados.

Entreviu novos céos, por trás do céu visível,
repletos de astros multiplos, repletos
de orbes irrevealados.

Mas, ao querer tocá-os — impossivel !
Que humilhante miseria, o seu destino:
prever o Céu, e ter os pés chumbados
á gleba, no Planeta !

E Icaro se julgou devêras pequenino !
E comprehendeu que a vida é uma grilheta,
e pesa a chumbo, occulto em seus élos doirados.

E, abrindo os olhos, teve o grande anseio,
teve a idéa arrojada
de elevar-se e morrer da vertigem, no seio
da Amplidão luminosa e indecifrada,
houvesse, embora, de rolar, em meio
á atrevida escalada.

O Homem devêra altear na Abobada estrellada
o seu grito de guerra,
e levantar o espirito da Terra
a commungar com o Céu, no extase da Alvorada.

Icaro põe o olhar no Espaço infindo,
arqueado sobre a tarde encantadora.
E sob a luz macia,
que doura as grimpas, na distancia e doura
o ultimo véo da tarde encantadora,

Icaro vae subindo, vae subindo.
E, enquanto sobe o heróe, declina o dia.
Na panoplia do sol, tibios, os raios
quebram-se, apagam-se. Entardece, esfria.
E o dia, antes, tão lindo,
vae morrendo em agonicos desmaios.

É, ao céo que vae morrendo e está sorrindo,
Icaro vae subindo...

E, subindo, não vê — (que ninguem vira !
ninguem da propria aspiração descrêra !)
não sente que são azas de mentira
suas azas ephemeras de cêra...

No braseiro do Occaso ardem ainda,
já sem chammas, porém, algumas brasas.
A tarde mais desmaia, mais se alinda.

Icaro, ousadamente,
levanta o vôo e vae rumando ao Poente,
fluctuando com aquellas frageis azas.

O Sol ia a cerrar as palpebras tranquillias.
No entanto, antes de abrir á aurea revoada
o viveiro radioso das estrellas,
percebe aquellas azas imprevistas
e manda um raio, para derretêl-as
e dissuadil-as
da temeraria, intrepida escalada
á Esphera, virgem, livre e inexplorada
de audazes experiencias e conquistas.

Precipita-se, assim, a quéda desastrada
ao maligno sorriso das estrellas,
que entreabrem as pupillas...

E, sob o riso malicioso, picaro
de humilhante desdem de vencedoras,
desfaz-se o sonho, permanece o arcano.

Ephemeras e eternas azas de Icaro,
imagem dupla do Desejo humano !

A cera dessas azas redemptoras,
não se diluiu no mar, cahiu no seio
das gerações presentes e vindouras.

Cera das azas de Icaro ! Semente
de mundos novos ! ansia de que veio
a inquietude das almas, a subir,
a subir, sempre e sempre, em vôo suave,
ou em surto arrojado, heroicamente :

Icaro resurgiu, definitivamente,
renascido, na gloria da Aeronave,
para a renovação dos mundos, no Porvir.

O Titan rebellado

O Homem, senhor da Terra !... A Terra é sempre farta :
dá-nos o pão que nutre, e o vinho, que sacia.

E o Homem, servo infeliz — espera a carta
de alforria...

O Homem não é feliz, porque não ha justiça :
morre um de intemperança, outro, de inanição...

Vasia a estufa, e tanta flôr, que viça
pelo chão !

Tantos palacios que ha, deshabitados, ermos,
arruinando, em silencio, a gloria e o fausto antigo !

E tantos anjos miseros, enfermos
sem abrigo !

Tanta insignia ducal glorificando infames
e tanto humilde heróe erra, de déo em déo,
á sujeição de todos os vexames
— santo e réo !

Os contrastes da Vida... O Sol luz para todos,
mas, si ha videntes, ha tambem os nati-cegos.

Ha, sob a mesma luz, cristaes e lodos,
céos e pegos...

A Terra é farta para as boccas que a consomem
— mina, cratera, vau, mandibula, ou raiz.

Fructidor. Tudo canta. Apenas — o Homem
é infeliz !

O Homem não é feliz, porque a justiça humana
é a da Mentira contra a da Verdade. E' o lobo
contra o cordeiro. E' a Esmola ,que se irmana
com o Roubo.

E' o ladrão poderoso, ancho, opulento — e illéso —
contra o ladrão faminto, esfarrapado e só.

E' o apogeu contra a penuria: Cresco
contra Job.

O Homem não é feliz; a Humanidade é a presa
da Humanidade: o Ingenuo a alimentar o Astuto...

A Hypocrisia — contra a Natureza:

— Farça e luto !

No entanto... Balthazar — has de ter a legenda,
a surpresa de Deus sobre a orgia malsã.

A Verdade ha-de vir: Lição tremenda
de Amanhan !

Progredir é colher e espalhar. O Futuro
vae dictar á Opulencia a missão nobre e seria:

Oh ! gloria dos que amargam o pão duro
da Miseria !

Urge semear, colher e repartir a seára:
fartar a transbordar, do Presente ao Porvir.

Que o Homem augmente e multiplique, para
dividir.

Dividir é a moral suprema da colheita;
excellencia do que produz ao que consome:

a Fartura que estende a mão, refeita,
para a Fome.

E' gloria dos que têm, aos que não têm; direito
de quem perdeu, cobrado a quem ganhou: moral

da Reciprocidade — o Bem, acceito
pelo Mal.

E a Terra é o grande exemplo. Incançavel e farta,
dá-nos o pão, que nutre, e a chamma, que allumia.

E o Homem não é feliz ! Espera a carta
de alforria !

Mas... depois... amanha... ha-de vir a batalha.
Resuscitado, Abel converterá Caim.

Paz, ao que soffre ! gloria ao que trabalha !
— Gloria, emfim !

Solidariedade

O Homem será feliz, quando a misericórdia de uns socorrer á dôr dos outros; socorrer a fome, a alguns, o luto, a muitos, a discordia entre o dó do que foi e a ansia do que ha-de ser.

— Que a Humanidade é a ré da Humanidade: morde-a a cubiça; envenena-a a inveja, o mal-querer... Mas já sôam, não longe, os clarins da Concordia, e a Esperança suaviza as penas do Dever.

Ha-de a Igualdade ser a proporção perfeita
entre o Menos e o Mais; entre o Pouco e o Excessivo:
ha-de a Fraternidade unir o Bem e o Mal.

Liberdade no altar, no idyllio e na colheita.
— Fé, Amor e Trabalho — o triplice incentivo
para a felicidade e a perfeição final !

Hymno á Perfeição

No altar-mór do meu Sonho, eu vos cultúo,
sagrado Mytho, santa Perfeição !

Vou tocar-vos, sentir-vos, entender-vos :
— Excedo-me no avanço... hesito no recúo...
Esforço vão !

Doce martyrologio dos meus nervos !
Dolorosa embriaguez em que ardo e tumultúo...
— Ilusão... Perfeição !

A' eminencia do Ideal, para que vos célebre,
subo, e, ébrio de minha alma, vos invoco :
Beijo em extase o marmore. Que febre,
que febre, em mim ! Mas ah ! que frio em vosso bloco !

Marmore ! perfeição adormecida
no pétreo somno,
no somno immemorial da Belleza esquecida !
Pedra morta — e heis-de-ser, talvez, um throno,
futuro altar, futura estatua — o Sonho e a Vida !
Perfeição,
Illusão !

Perfeição que heis-de- vir, vindes longe... Infinito...
Perfeição-illusão, eu vos creio, amo e invoco.
eu vos espero. E, enquanto febricito,
Perfeição que heis-de vir, ó Infinito !
não vindes !... Dorme a pedra, frio é o bloco !...

Vivo, dentro do Sonho, a procurar-vos
e nunca o meu Desejo vos attinge !

E eu sei de outros... eu sei de mediocres e parvos,
que julgam despertar-vos
do vosso somno secular de esphinge !...

São felizes e bons. Mal conhecem o Templo.
Nunca se approximaram do altar-mór.
Deu-se-lhes qualquer friso para exemplo,
um idolo quebrado, de ao redor,
e qual de mais orgulho vão se enfuna,
qual, mais engenuo, pabuleia, truão,

ao proclamar-o e ao crê-lo,
tomando por modelo,
uma pobre cornija, uma falsa columna...
Perfeição, illusão...

Deixae entrar a turba hostile, tardia e poenta:
ha lugar para bons e máos, na Cathedral.
E tanto audaz, que tenta
ir além do portal,
julga attingir o altar — é a pia de agua-benta!
julga ouvir o *Te-Deum* — nem comprehende o ritual...

Deixae... a procissão retardataria, lenta
de idolatras e cegos... a legião
que na alheia embriaguez se dessedenta...
— Perfeição, convenção!

Deixae-a entrar, pacifica, ou violenta;
não a toqueis, siquer!
— Romeiros da arte fossil, turba poenta!
Peifeição e agua-benta
cada qual vae tomando quanto quer...

Perfeição verdadeira
dos que professam alma, por destino!
Perfeição, expiação! linde, fronteira
entre o Humano e o Divino!

Beethoven, perfeição sonora dos ouvidos !
Sol-poente, olhar de Deus, ó perfeição do olhar !
Excelsa Perfeição de todos os sentidos,
ó Perfeição de amar !

Perfeição da Esperança... O' divina Miragem !
só é Perfeito o Irrealizado. Só:
uma nesga de céu sobre o mundo selvagem,
São-Francisco de Assis animando a paizagem,
Perfeição da renuncia, em holocausto e dó !

Sei de alguém cuja Imagem
mora em meu coração.
Sinto-a, junto de mim, por toda esta romagem,
mas não posso tocar-a... Ella é o meu Impossível:
— Alguem que é Perfeição, porque é inatingível...
Perfeição !

Esse alguém, que não sei si é má, si é boa,
mas que é belleza, luz, revelação,
— de fazer-me soffrer, me aperfeiçoa !
dá-me, em urzes, esta áspera corôa !
põe-me, por onde eu vá, brasas ao chão !

Ah ! si attingível fosse
esse Sonho agri-doce...
— Perfeição do meu sonho, ó minha Perfeição !

INDICE

INDICE

Despertar

Egide.....	9	—	12
Despertar, reviver.....	13	—	15
O Gigante que dorme.....	16	—	20
A nova lingua.....	21	—	22
A nova raça.....	23	—	24
O Cruzeiro do Sul.....	25	—	26
Floreal.....	27	—	32
A Cidade Esplendida.....	33	—	34
Despertar, redimir.....	35	—	40

Cantos brasileiros

Guanabara.....	43	—	50
Moema.....	51	—	55
Um epopéa obscura.....	56	—	59
O tico-tico e o pardal.....	60	—	63
A epopéa das aguas.....	64	—	71
Pery.....	72	—	78
Dezembro.....	74	—	82
Luar do Equador.....	83	—	87
Primavera eterna.....	88	—	94
O meu paiz.....	95	—	96

Cantos da Terra=virgem

Ciclo.....	101	—	102
As aguas.....	103	—	106
As pedras.....	107	—	110
As jazidas.....	111	—	114

As arvores.....	115 — 117
Os animaes humildes.....	118 — 120
O Indefinivel.....	121 — 123
Revelação.....	124 — 126
Icaro redivivo.....	127 — 130
O Titan rebellado.....	131 — 134
Solidariedade.....	135 — 136
Hymno á Perfeição.....	137 — 140

Notas á Revisão

Corrigir, ou subentender:

- Mysterio* appello (pgs. 14) — Mysterioso appello.
roça o tornozello (pgs. 15) — roça ao tornozelo.
humilde christã (pgs. 74) — humildade christã.
Seduz, sequesta (pgs. 78) — seduz, requesta.
encarn. sepirito (pgs. 78) — encarnação do espirito.



EDIÇÕES DA LIVRARIA JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS

82, Rua de S. José, 82

LITTERATURA

- AERIDES — Litteratura e Folk-Lore, por Alberto de Faria, da Academia Brasileira de Letras, 1 grosso volume brochado, 4\$000.
- AGUAS DE CASTALIA, (versos) de Raul Machado, 1 volume br. 3\$000, encadernado, 5\$000.
- AGUAS DE PRIMAVERA, (contos) por Breno Arruda, 1 volume br., 3\$000, encadernado, 5\$000.
- AMANTE ANONYMA, por Seribe, 1 volume brochado, 1\$000.
- AMIGOS URSOS, critica da Sociedade Luso-Brasileira, por Diogenes de Carviças, 1 volume brochado, 4\$000.
- AMOR A' ANTIGA, por Augusto de Castro, 1 volume brochado, 2\$000.
- ANTE A GUERRA, por Brito Mendes, 1 volume brochado, 1\$000.
- APOLLO — MYSTERIO PAGÃO, por Teixeira Leite Filho, 1 vol. brochado, 2\$000.
- ARREPENDIDA (A), por João Augusto d'Ornellas, 1 volume brochado, 2\$000.
- ARTE DE SER CAIXEIRO, por Ferreira da Rosa, 1 volume brochado, 2\$000.
- AS ENTREVISTAS DE EXPEDITO FARO, por João Luso, 1 volume brochado, 3\$000.
- OUTO DE JUNHO, por Antonio Corrêa d'Oliveira, 1 vol. br., 1\$000.
- BAILLO DE LEÇA (O), por Arnaldo Gama, 1 volume brochado, 3\$000.
- BANDEIRA DOS EMIGRADOS, (Repellindo uma Affronta), por Joaquim Leitão, 1 volume brochado, 1\$000.
- BOM-HUMOR, por João Chagas 1 vol. brochado. 4\$000.
- BRADO DA INDIGNAÇÃO, a proposito da sentença proferida contra José Cardoso Vieira de Castro, por um Portuguez, 1 vol. brochado, 1\$000.
- BACHOLETAS, por Antero Basilio, 1 vol. brochado, 1\$500.
- BOLUMNAS, poesias (o livro de maior successo da actualidade), por Luiz Carlos, 1 volume, 5\$000.
- CHAMÕES, por Visconde de Almeida Garrett, 1 volume brochado, 2\$000.
- CHANÇÕES POPULARES DO BRASIL, com musica, por Brito Mendes e Mme. Julia Mendes, 1 volume. 5\$000.

- CARAMURU, Poema Epico do Descobrimento da Bahia, composto por Fr. José de Santa Rita Durão, 1 vol. br., 3\$500.
- CARTAS A CINCINATO. Estudo critico de Sempronio sobre o Gado e a Iracema, 1 vol., 3\$000.
- CARTAS DE LISBOA, por Carlos Malheiro Dias, 1 vol. br., 4\$500.
- CARTAS DE UM ROCEIRO, por Faustino Xavier de Novaes, 1 vol. brochado, 3\$500.
- CASTELLO DE MONSANTO, por G. Augusto de Barros, 2 vols. brochados, 6\$000.
- CEIA DOS CARDEAES, por Julio Dantas, 1 volume brochado, 1\$000.
- CEM DIAS FUNESTOS, (OS) por Joaquim Leitão, 1 vol. br., 5\$000.
- CLASSICOS ESQUECIDOS, por Solidonio Leite, 1 vol. br., 4\$000.
- COMICOS, Novellas de Theatro, por Anthero de Figueiredo, 1 vol. brochado, 4\$000.
- CONFISSÕES DE UMA FREIRA, (Manuscripto achado), por Fernandes da Rocha, 1 vol. brochado, 3\$000.
- CONTOS ALEGRES, por Euzebio Blasco, 1 vol. brochado, 3\$500.
- CONTOS E CANTICOS, por Oscar Coelho, 1 vol. br., 2\$000.
- CONTOS E LAMENTOS (Poesias Escolhidas), por J. S. da Silva Ferraz, 1 vol. br., 2\$500.
- CONTOS LIVRES, por Boccacio, 1 vol. br., 1\$000.
- CONTOS DA ROÇA, por Augusto E. Zaluar, vol. br., 1\$000.
- CRIME DA MALA, por Caio da Matta e Bibiano Junior, 1 vol. brochado, 500 réis.
- CURA DOS NERVOZOS (Conselhos medicos), pelo Dr. Austregesilo. Este livro é indispensavel a toda pessoa que soffre de doencas nervosas, pois a leitura deste livro não só acalma os nervos como cura radicalmente desde que cumpra á risca o que alli se aconselha, 1 vol. enc., 7\$000.
- DA TERRA A' LUA, por Julio Verne, 1 volume brochado, 2\$500.
- DESVENTURADO AMOR, de Ruy Chianca, 1 vol. br., 2\$000.
- DEVERES DOS HOMENS, por Silvio Pellico, 1 vol. br., 2\$500.
- DIALOGOS DAS NOVAS GRANDEZAS DO BRASIL, por Cosme Velho (Araripe Junior), 1 vol. br., 3\$000.
- DIARIO DE UM CONDEMNADO POLITICO, 1892 a 1893, por João Chagas, 1 vol. brochado, 2\$500.
- DIARIO DE LAZARO, Poema, com estudo critico de Franklin Tavora, por L. N. Fagundes Varella, 1 vol. br., 3\$000.
- DEFUNTO (O), por Eça de Queiroz, 1 volume brochado, 3\$000.
- DISCURSO REPUBLICANO, por Guerra Junqueira, 1 vol. br., 3\$000.
- DIVINA COMEDIA (A), por Dante Alighieri, versão portugueza commentada e annotada por Joaquim Pinto de Campos, 1 volume br., 15\$000.
- DIVINA COMEDIA, de Dante Alighieri, traducção brasileira de José Xavier Pinheiro, 2ª edição. Cuidadosamente revista, accrescida com setenta e cinco gravuras de Gustavo Doré e enriquecida com um autographo do traductor e com um extenso rimario de toda a *Divina Comedia*, pelo seu filho J. A. XAVIER PINHEIRO, 2 vols. de 1.440 paginas, encadernados, 30\$000.
- IDEM, IDEM, encadernação especial, 50\$000.
- DOIS REGIMENS. por Elpidio de Mesquita, 1 vol. br., 2\$500.

- DONA DOLOROSA, por Theotônio Filho, 1 vol. brochado, 3\$000.
- DRAMAS DA AMERICA (OS), por G. Aimard, 2 vols. brs. 6\$000.
- ELEGIAS E EPIGRAMMAS (Versos), por Alberto Ramos 1 vol. brochado, 3\$000.
- EMBRECHADOS, pelo Conde de Sabugosa, 1 vol. br., 4\$000.
- EMANCIPADOS, por Fábio Luz, 1 volume brochado, 2\$000.
- ENERGIA (A), por Hamilton Barata, 1 vol. br., 5\$000.
- ESTOS E PAUSAS, por Felix Pacheco, 1 volume brochado, 3\$000.
- ESCRITOS DE HONTEM (2ª edição), por Paula Barros, 1 vol. brochado, 2\$000.
- ESPECTRO DE HELENA (O), por ***, 1 vol. br., 500 réis.
- ESPUMAS FLUCTUANTES, por Castro Alves, 1 vol. br., 2\$000.
- ESTUDOS CRITICOS, por José Maria Bello, 1 vol. br. 5\$000.
- ESTUDOS SOBRE A EMANCIPAÇÃO DOS ESCRAVOS NO BRASIL, por A. da Silva Netto, 1 vol. br., 500 réis.
- ESTUDOS, por Albertina Bertha, 1 vol. br., 4\$000.
- EXALTAÇÃO, 5ª edição, de Albertina Bertha. Filha do grande jurisconsulto Lafayette R. Pereira. Este romance é o mais extraordinario e sensacional que se tem publicado até hoje, pois já se venderam 25.000 exemplares, o maior successo de livreria, 1 vol. br., 5\$000, enc., 7\$000.
- FAMILIA JESUITA, por José Maria de Andrade Ferreira, 1 vol. brochado, 2\$000.
- FATALIDADES DE DOIS JOVENS, por Teixeira e Souza, 1 vol., 2\$000.
- FEMINA, de Rodrigues d'Almeida, 1 vol. br., 3\$000.
- FEBITICEIRO DOS BICHOS, Livro de palpites certos e infalliveis, 1 vol. br., 1\$000.
- FLORES DO CAMPO, por Ezequiel Freire, 1 vol. br., 2\$000.
- FLORES SEM CHEIRO, por José Ignacio Gomes Ferreira de Menezes, 1 vol. br., 2\$500.
- FOLK-LORE, Estudo da Litteratura Popular, pelo Dr. João Ribeiro, 1 vol. br., 4\$000.
- FOLHETINS, de França Junior, obra engraçadissima, dando com muita graça a vida antiga do Rio de Janeiro, bailes da Cidade Nova naquelle tempo, etc., 1 vol. br., 3\$; enc., 5\$000.
- FORÇA DE VONTADE, por A. Barbosa, 1 vol. br., 1\$000.
- FRANCO MACONS, pela Condessa de Segur, 1 vol. br., 2\$000.
- FRUCTOS IMMATUROS, por G. Faria, 1 vol. br., 1\$000.
- GARRETT NO SEU 1º CENTENARIO, por C. Osorio, 1 vol. br., 3\$000.
- GOTTAS DE AMOR, de Rabellais, 1 vol. br., 3\$000.
- GRÃO MESTRE (um folheto), br., 500 réis.
- GRÃO DE ARDIA, por Gilberto Amado, Estudo do nosso tempo, 1 volume brochado, 4\$000.
- GRANDE, COMPLETO E VERDADEIRO LIVRO DE SÃO CYPRIANO, 1 grosso volume brochado, 5\$000.
- GRITO DO POVO, por Timandro, 1 vol. br., 500 réis.
- GUIA PRATICO DOS QUE SOFFREM, 1 vol. br., 1\$000.

- HERÓES DA ARTE, por P. Povoas, 1 vol. br., 2\$000.
- HISTORIA DO CONFISSIONARIO, ***, 1 vol. br., 1\$000.
- HISTORIAS GAROTAS, por ***, 1 vol. br., 1\$000.
- HISTORIA DE MANON LESCAUT, pelo Abbade de Prevost, 1 volume brochado, 3\$000.
- HISTORIA NEGRA, por El Capitán Verdades, 1 vol. br., 2\$500.
- HISTORIA DO REINO DO ALGARVE, por Pinheiro Chagas, 1 volume brochado, 3\$500.
- HISTORIA DA REVOLUÇÃO FRANCEZA, por Alfredo Rambaud, traducção de João Barreira, 1 vol. br., 3\$000.
- HISTORIA DOS TRES GRANDES CAPITÃES DA ANTIGUIDADE, por Cesar Zama, 1 vol. br., 4\$000.
- HOMEM DA FAÇA (O), por Ernesto Rollet, 3 vols. brs., 5\$000.
- HOMEM-MULHER (O), Romance Jacobino, por Guimarães d'Athayde, 1 vol. br., 1\$500.
- HOMEM DOS TRES CALÇÕES, por Paulo de Kock, 2 vols. br., 2\$000.
- HOMENAGEM AOS HERÓES DO BRASIL, por A. J. Santos Neves, 1 vol. br., 3\$500.
- HONRA DE UM CAIXEIRO, por A. Dias Freitas, 1 vol. br., 1\$000.
- HYDROPHOBO, por N. Sobrinho, 1 vol. br., 3\$000.
- IDENTIDADE DO HOMEM, por Hermeto Lima, 1 vol. br., 4\$000.
- INFANTE D. HENRIQUE, por Alberto Pimentel, 1 vol. br., 3\$000.
- INFANTE NAVEGIADOR, por A. Campos, 1 vol. br., 3\$000.
- IMMORTAL, por L. Daudet, 1 vol. br., 2\$000.
- INSPIRAÇÃO DO CLAUSTRO, por J. Freire, 1 vol. br., 2\$000.
- IRREPARAVEL (O), por Hamilton Barata, 1 vol. br., 3\$000.
- ISBELLA, por F. da Rocha, 1 vol. br., 2\$000.
- JOÃO FRANCO, por João Chagas, 1 vol. br., 3\$500.
- JOÃO PALOMO, por Fernandez y Gonzalez, 1 vol. br., 6\$000.
- JORNADAS DO MINHO, por D. João da Camara, 1 vol. br., 2\$500.
- JULIO DINIZ, por Alberto Pimentel, 1 vol. br., 1\$000.
- KORI KO-KÓ, por L. Capendu, 3 vols. brs., 3\$000.
- LEITURA ESCOLHIDA, por Um Professor, 1 vol. br., 1\$000.
- LEMBRANÇAS (Versos e prosa), por José Antonio, 1 vol. br., 2\$000.
- LENDAS E NARRATIVAS, por Alexandre Herculano, 2 vols. brochados, 3\$000.
- LIBELLO DO POVO, por Timandro (Salles Torres Homem), 1 volume brochado, 1\$000.
- LIÇÕES DE UM PAE, por F. Lobo, 1 vol. br., 2\$000.
- LITTERATURA (HISTORIA DA) PORTUGUEZA, desde as origens até á actualidade, por Mendes dos Remedios, 5ª edição, 1 volume brochado, 12\$000.
- LIVRO DA BRUXA, que ensina a fazer toda a qualidade de feitiçaria, 1 grosso vol. br., 5\$000.
- LIVRO DO DEMOCRATA, por Arceselão Gonçalves, 1 vol. br., 1\$000.
- LIVRO DO DR. ASSIS, por A. Costa, 1 vol. br., 3\$000.
- LIVRO DE ORLINA, por C. Rodriguea, 1 vol. br., 1\$000.
- LIVRO DE UM SPORTMAN, por José Lino, 1 vol. cart., 2\$000.
- LUCIOLA, por José de Alencar, 1 vol. br., 1\$000.
- LUTA CIVIL BRASILEIRA, por Ernesto Costa, 1 vol. br., 2\$000.

- LUCTAS DO CORAÇÃO**, pela Exma. Sra. D. Ignez Sabino, 1 volume brochado, 2\$000.
LUX, versos de Leda Rios, 1 vol. br., 2\$000.
LYRIOS BRANCOS, por Felix Pacheco, 1 vol. br., 2\$000.
MADRESILVAS, por Brazilio Machado, 1 vol. br., 2\$500.
MANTA DE RETALHOS, por Faustino Xavier de Novaes, 1 volume brochado, 3\$000.
MAPPA DA MÃO (methodo facil de se proceder á leitura das mãos), pelo Professor J. Baçú, 1 vol. vr., 3\$000.
MARQUEZ DO POMBAL, edição feita pelo Club de Regatas Guanabarenses, 1 grosso vol. br., 10\$000.
MATER DOLOROSA, por F. Daudet, 1 vol. br., 2\$000.
MIGUEL STROGOFF, por Julio Verne, 1 vol. br., 2\$000.
MOSAICOS, por Alexandre Dumas, 1 vol. br., 1\$000.
MULHER AMADA, por Arnaldo Fonseca, 1 vol. br., 3\$000.
MULHER NUA, por Gilka Machado, livro de maior successo da actualidade, a 1ª edição de 5.000 exemplares esgotou-se em menos de uma mez, 2ª edição, 1 vol. br., 5\$000; enc. 7\$000.
MURMURIOS, por A. Santos, 1 vol. br., 2\$000.
MYSTERIO DO ESPIRITISMO, por J. Silva, 1 vol. br., 1\$000.
MYSTERIOS DO CONFISSIONARIO, 1 vol. br., 1\$000.
NA PRIMEIRA PRESIDENCIA DA REPUBLICA PORTUGUEZA, por Manoel d'Arriaga, 1 vol. br., 5\$000.
NAVIO NEGREIRO, por Castro Alves, 1 vol. br., 1\$000.
NIMBOS, por Maria Eça O' Neill, 1 vol. br., 2\$500.
NO' CEGO, por H. Lopes de Mendonça, 1 vol. br., 1\$500.
NO LEMBIAR DO OUTOMNO, por Felix Pacheco, 1 vol. br., 3\$000.
NOIÇA DO ASSASSINADO (A), por Maria das Dôres, 1 vol. brochado, 1\$500.
NOTAS EM RUINAS, por L. Marcondes, 1 vol. br., 1\$000.
NOVA LUZ SOBRE O PASSADO, por A. Sergipe, 1 grosso vol. brochado, 10\$000.
NOVA ROMA, por Mario Alves, 1 vol. br., 2\$000.
NOVELLAS DA TIA PHILOMENA, por Julio Diniz, 1 vol. br., 2\$000.
OS BASIS, por Lindolpho Xavier, 1 vol. br., 3\$000.
PADRE EUSEBIO, por Antonio Celestino, 1 vol. br., 3\$000.
PADRES (OS) — Poesias dedicadas aos liberaes Portuguezes e Brasileiros, 1 vol. br., 1\$000.
PADRE ROQUE (O), por João da Motta Prego, 1 vol. br., 3\$000.
RENTAÇÃO DE SAM FREI GIL, por Antonio Corrêa d'Oliveira, 1 volume brochado, 5\$000.
TERROR DOS MARIDOS, por Figueiredo Pimentel, 1 vol. br., 2\$000.
PORTURA, por E. Cafarest, 1 vol. br., 1\$000.
TRAGEDIA DE LISBOA, por Leite Bastos, 1 vol. br., 2\$500.
TU' SO' TU', de Felix Pacheco, da Academia de Lettras, 1 volume artisticamente impresso, 2\$000.
ULTIMO PHANTASMA, por Gastão Mery, 1 vol. br., 1\$000.
UM CABRA PERIGOSO, Contos Singelos, por Waltrudas Saint-Clair de Castro, 1 vol. br., 1\$500.
UM COMEÇO DE VIDA, por Balzac, 1 vol. br., 3\$000.
UM LIVRO PARA MEUS NETOS, por H. P. Eschrich, 1 vol. br., 2\$500.

- VANS TORTURAS, por Domingos Ribeiro Filho, 1 vol. br., 2\$000.
- VELHICE DO PADRE ETERNO, por Guerra Junqueiro, 1 volume brochado, 1\$000.
- VERDADE, por Emilio Zola, 1 vol. br., 5\$000.
- VERDADE. Esboço de Estudos Litterarios Philosophicos, por Affonso Duarte de Barros, 1 vol. br., 3\$000.
- VERDADEIRO LIVRO DOS SONHOS (O), o éco da Fortuna, completo pelo systema Rutiliano, 1 vol. br., 5\$000.
- VERSOS de Mario Alencar, 1 vol., 2\$000.
- VERSOS de Brito Mendes, 1 volume brochado, 3\$000.
- VERSOS de João Ribeiro (3ª edição), 1 volume 2\$000.
- VERSOS PERVERSOS DE D. XIQUOTE, 1 vol. br., 2\$000.
- VILLA DE VALLONGO, pelo Padre J. A. Lopes Reis, 1 vol. br., 3\$500.
- VIDA DO MARQUEZ DE BARBACENA, por Antonio Augusto da Aguiar, 1 grosso vol. br., 8\$000.
- VIDA E SONHO, versos de C. Magalhães de Azeredo, da Academia Brasileira (nosso Embaixador em Roma, junto á Santa Sé), 1 vol. br., 4\$000.
- VOLTA DO MUNDO, por Julio Verne, 1 vol. br., 1\$000.
Pedidos do editor Jacintho Ribeiro dos Santos, rua S. José, 32.
- PAGINAS DE CRITICA, por Pedro do Couto, 1 vol. cart., 2\$500.
- PAGINAS DA MOCIDADE, por D. A. F. Aleixo dos Santos, 1 vol. brochado, 1\$500.
- PAIZ DAS UVAS, por Fialho de Almeida, 1 vol. br., 4\$000.
- PECCADOS VELHOS, por Gregor Esiky, traducção de Manoel de Macedo, 1 vol. cart., 3\$500.
- PEQUENOS MALES, do Dr. Austregesilo, 2ª edição, 1 vol. enc., 7\$000.
- PENDÃO DA TABA VERDE (O), por Felix Pacheco, 1 vol. ricamente impresso, tiragem limitadissima, 4\$000.
- PERFIS DE INTELLECTUAES (Visitas e passeios), por Silva Bastos, 1 vol. br., 3\$500.
- PHANTASIAS E ESCRIPTORRES CONTEMPORANEOS, pelo Visconde de Benalcanfer, 1 vol. br., 2\$000.
- PINHEIRO EXILADO (O), por Antonio Corrêa d'Oliveira, 1 vol. brochado, 3\$000.
- POEMA DE MAIO, de Rodrigues de Carvalho, 1 vol. br., 2\$000.
- POESIAS, pelo Dr. Carlos Magalhães, 3ª grande edição, 1 vol. br., 4\$000.
- POESIAS, por Antonio Pinheiro Caldas, 1 vol. br., 3\$500.
- POESIAS, por P. Brito, 1 vol. br., 2\$000.
- POESIAS, de Gilka Machado, contendo os "Crystaes partidos" e "Estado de Alma", 1 elegante volume ricamente impresso, brochado, 5\$000; encadernado, 7\$000.
- POESIAS DE BOCAGE (Eroticas e burlescas), brochura, 2\$000.
- POESIAS ESCOLHIDAS, de Luiz Murat, da Academia de Lettras, 1 vol. br., 5\$000.
- POESIAS POSTHUMAS, por Faustino Xavier de Novaes, 1 vol. brochado, 3\$000.
- POESIAS, por P. Caldas, 1 vol. br., 3\$000.
- POESIAS AQUATICAS NAS AGUAS DE CAXAMBU, por M. de Almeida Coelho Margarida, 1 vol. br., 1\$000.

- POR CAUSA DE UM ALFINETE (Lenda), por J. T. de Saint-Germar.
1 vol. br., 1\$000.
- PORTO NA BERLINDA, por Alberto Pimentel, 1 vol. br., 1\$500.
- PRANTOS E RISCOS, por Trajano Augusto Pires, 1 vol. br., 1\$000.
- PRECEITOS E DEVANEIOS, por José Augusto Corrêa, 1 vol. bro-
chado, 3\$000.
- PRECIOSAS CELEBRES E AS MERCADORAS DO AMOR, por Quintus
Fabius, (1º v.) br., 2\$000.
- PRESIDENCIA WENCESLAO BRAZ (1914-1918) — Ligeiros ensaios
historicos, pelo Dr. Pedro Cavalcanti, vol. br., 4\$000.
- PRIMOGENITAS, por Joaquim H. G. dos Santos 1 vol. br., 1\$500.
- PRINCEZAS DO AMOR, por Judith Gautier, 1 vol. br., 3\$500.
- PROMESSA, Romance Original Portuguez, (scenas da Beira) por
2\$000.
- ROSA, por João Luso, 1 vol. br., 4\$000.
- PUNHADO DE VERDADES, por Salamed, 1 vol. br., 1\$000.
- QUADROS DA GUERRA, por Castro Menezes, 1 vol. br., 5\$000.
- QUATRO POETAS DA EPOCHA, por G. Affonso, 1 vol. br., 2\$000.
- QUO-VADIS?, por Sienkiewicz, 1 vol. br., 1\$000.
- REI DO MUNDO, por Emilio Souvestre, 1 vol. br., 3\$000.
- REMINISCENCIAS DO ALGARVE, por Pedro Tavares, 1 vol. bro-
chado, 2\$500.
- REMORSO VIVO, Romance, 1 vol. br., 2\$000.
- RESIGNAÇÃO, Romance Brasileiro, por Paulo de Magalhães, 1 vo-
lume brochado, 4\$000.
- REVOLTA DO IDOLO, por Benjamin Lima, 1 vol. br. 2\$000.
- RIMAS RICAS, por Osorio Duque Estrada para aprender a rimar,
1 vol. br., 2\$000; enc., 3\$000.
- ROMANESCOS, por Edmond Rostand, traducção do Dr. Carlos Porto
Carreiro, 1 vol. br., 2\$000.
- ROMEU E JULIETA, 1 vol. br., 1\$000.
- SABEDORIA DOS INSTINCTOS (1º Premio da Academia Brasileira
de Letras no corrente anno), pelo Dr. Pontes de Miranda —
1 volume brochado, 5\$000. Idem idem encadernado, 7\$000.
- SYBILLA, por A. Andrade, 1 vol. br., 1\$000.
- SENHORA DE SAINT-ROCH, por Emilio Gaboriau, 1 vol. br., 2\$000.
- SEPULTURA DE FERRO, por Henry Conscience, 2 vols. brs., 2\$000.
- SERMÕES DO PADRE ANTONIO VIEIRA, volumes avulsos brochados
a 3\$000.
- SIGAMOL-O — Henrique Sienkiewicz, 1 vol. br.
- SOCIOLOGIA E ESTHETICA, por Gama Rosa, 1 vol. br., 3\$000.
- SOL, por Flexa Ribeiro, 1 vol. br., 2\$000.
- SOLITUDES, por A. J. Pereira da Silva, 1 vol. br., 4\$000.
- SONETOS DO EXILIO DE D. PEDRO DE ALCANTARA — Reco-
lhidos por um brasileiro, 1 vol. br., 1\$000.
- SONHOS DE UMA ORIENTAL, por Armand, 1 vol. br., 1\$000.
- TABERNACULO, por Augusto Cavalcanti, 1 vol. br., 2\$500.
- TAXINOMIA SOCIAL, por Fausto Cardoso, 1 vol. br., 3\$000.
- TENENTE EVARISTO, por Augusto Guarinello, 1 vol. br., 4\$000.